

13234

# ACÇÃO REALISTA



POLA: LEI  
E POLAGREI

## REVISTA MENSAL

N.º 32 — 4 DA 3ª SÉRIE

OUTUBRO DE 1926

13234

# SUMARIO

<i>Mensagem da Acção Realista Portuguesa a S. M. El-Rei</i>	
<i>O Pensamento de El-Rei</i> .....	por Alfredo Pimenta
<i>A Mensagem de El-Rei</i> .....	por Antonio Cabral
<i>O meu depoimento</i> .....	por Fernando Campos
<i>O Dia de Aljubarrota</i> .....	por Luis Chaves
<i>Divisão territorial portugêsa (conclusão)</i> .....	por Luis Chaves

## CRITICA & FACTOS

---

# ACÇÃO REALISTA PORTUGUESA

## Comissão Administrativa

A Comissão Administrativa da A. R. P. previne os subscritores do IMPOSTO DO RESGATE de que se está procedendo á cobrança das quotas relativas ao mês de Outubro e de algumas dos meses anteriores por liquidar.

Pede se por isso a todos os subscritores de Lisboa e da Província o favor de enviarem a importância das suas quotas em débito e de satisfazerem o pagamento dos recibos que lhes forem apresentados á cobrança, afim da Comissão poder regularizar a sua escrita para a boa marcha da Acção Realista Portuguesa.

Lisboa, 30 de Setembro de 1926.

*A Comissão Administrativa.*

---

## PREÇOS DE ASSINATURA

— Lisboa, província e ilhas :

Série de 6 números (6 meses) .....	12\$000
» » 12 » (um ano) .....	24\$000

— Colónias portuguesas :

Série de 12 números (um ano) .....	27\$850
------------------------------------	---------

— Espanha :

Série de 12 números (um ano) .....	27\$600
------------------------------------	---------

— Outros países da União Postal :

Série de 12 números (um ano) .....	31\$700
------------------------------------	---------

# **BANCO PORTUGUEZ E BRAZILEIRO**

Fundado em 1891

---

Capital . . . . . 10.000.000\$00

Fundo de reserva 11.100.170\$47

---

**SEDE EM LISBOA**

**Rua Augusta, 34**

---

**FILIAL NO PORTO**

**Praça Almeida Garrett**

---

**CORRESPONDENTES EM PORTUGAL  
DO**

---

**Banco do Brazil**

---

Operações bancarias de todos os generos



# MOON



6 CILINDROS

## AUTOMOVEIS

# “DIANA”

The Light Straight Eight

---

Os motores mais perfeitos e mais elasticos  
do mercado

---

Os ultimos aperfeiçoamentos modernos

---

Os automoveis de menor consumo e maior  
elegancia e comodidade

---

PEÇAM DESDE JÁ CATALOGOS E PREÇOS AOS AGENTES:

**NO SUL - A. CABRAL, LIMITADA**

T. dos Remolares, 28, 2.º — LISBOA

---

**NO NORTE - J. M. ESTEVES AGUIAR**

Rua Nova de Sousa — BRAGA

# COMPANHIA DO COMERCIO DE MOÇAMBIQUE

—: —: —: —: LISBOA : — : — : — : —

---

---

**CAPITAL 1.600.000 ESC.**

Endereço telegrafico: MONOMOTAPA

TELEFONE 3767 CENTRAL

---

---

Cais do Sodré, 52, 3.º--LISBOA

---

---

**CARVÃO**

CARDIFF ALMIRANTADO  
DAS MINAS

**North's Navigation**

---

Portuguese Corporation of Commerce, Ltd.

Cais de Sodré, 64, 2.º

---

TEL. C. 4163 - 4164

---

Fornecedores dos

Caminhos de Ferro do Estado, Companhia dos Caminhos de Ferro  
Portuguezes, Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, etc.

# Companhia de Diamantes de Angola

(DIAMANG)

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

COM O CAPITAL DE  
ESC. 9.000.000\$00 (ouro)

Direito exclusivo de pesquisa e extracção  
de diamantes na provincia de Angola por concessão  
do respectivo Governo

Séde Social: LISBOA  
Rua dos Fanqueiros, 12, 2.º

Telegramas: «DIAMANG»

Escriptorios em Bruxelas, Londres e Nova York

Presidente do Conselho de Administração  
Banco Nacional Ultramarino

Presidente dos Grupos Estrangeiros

Mr. Jean Jadot

Administrador-delegado

Ernesto de Vilhena

Representação e Direcção tecnica  
em Africa

REPRESENTANTE:

Tenente-Coronel Antonio Brandão de Mello

Caixa Postal 347 -:- Tel.: «DIAMANG»

LOANDA

Director tecnico: Mr. Gleen H. — Newport — DUNDO

# ACÇÃO REALISTA

DIRECTOR : ERNESTO GONÇALVES

Redacção e Administração  
RUA DA BARROCA, 59, S/LOJA  
Telefone : T. 490

EDITOR E GERENTE  
Pedro E. da Camara

Assinaturas (Pagamento adiantado)  
SÉRIE DE 6 N.ºs — 12\$000 RÉIS  
Numero avulso — 2\$000 réis

R. 102

## MENSAGEM DA ACÇÃO REALISTA PORTUGUESA A S. M. EL-REI

*Esta Mensagem que a Acção Realista Portuguesa enviou a El-Rei, num momento indeciso da Causa Monárquica, é um documento de coragem honesta e desasombrada. Ficarà na historia politica do nosso tempo como a afirmação energica duma ideia nacional que tendo como unico objectivo o interesse da pátria, não hesita, não quebra, não emudece, mas segue para a frente, dominadora e irresistivel.*

*Houve pessoas graves que censuraram o nosso acto, como se nós tivéssemos cometido uma irreverencia. Julgaram-nos rebeldes, insolentes, insensatos. O interesse que essa Mensagem produziu atemorizou-as... E de ombros encolhidos, num desânimo taciturno, essas pessoas pácatas fôram lamentar-se para o cavaco amêno da esquina e do serão familiar...*

*Que queriamos nós? Que queremos nós?*

*Que as palavras do Rei sejam respeitadas e as suas ordens obedecidas. Que a autoridade do Rei seja restaurada em toda a sua plenitude, de acôrdo com a Nação livre, desintoxicada dos venenos liberais e parlamentares.*

*Que a Causa Monárquica, como causa nacional, siga a expressão politica da revolta e da vitalidade desperta do pais.*

*Esta Mensagem ficarà a marcar uma época. É um documento que interessa o país porque revela a luta de ideias para restabelecer o verdadeiro conceito de Soberania e de Nação. Signal desse combate de doutrinas, no seu acento firme e energico podemos auscultar a marcha victoriosa duma ideia que já hoje se transformou numa força animadora, numa energia profunda de revolta.*

*Publicâmo-la num momento decisivo para a Nação. As razões da nossa existencia colectiva estão agora lucidamente projectadas.*

*A ditadura actual parece, antes de tudo, um exame de consciencia. Mas que esse exame seja acompanhado pela serena análise da Inteligencia, que esclarece e ilumina.*

*A necessidade da Monarquia impõe se ao interesse nacional. Mas os próprios factos politicos encarregáram-se de colocar o problema monárquico no seu verdadeiro prisma. Que Monarquia poderá resgatar Portugal? A democratica, com caciques e parlamento, com os partidos e a anarquia politica e economica? Essa está condenada e acompanha ao seu tûmulo a republica parlamentar.*

*A Monarquia, que o país espera, é aquela que possa unificar e disciplinar e construir novos quadros em que se integrem, numa vitalidade fecunda, todas as forças nacionais, que o parlamentarismo inutiliza e desconhece.*

*Eis por que esta Mensagem tem neste momento uma eloquente actualidade.*

Absoluta e inalteravelmente fiel a Vossa Magestade, a Quem tem servido e a Quem está servindo, neste momento, com a maior lealdade, a *Acção Realista Portuguesa*, tendo estudado atentamente todas as circunstancias que cercam e caracterizam a situação da Causa que Vossa Magestade representa, entendeu do seu dever falar a Vosso Magestade, de modo que todos oiçam, porque o problema interessa profundamente e superiormente á Nação inteira.

Estão, neste momento, em jogo, o prestigio e a autoridade de Vossa Magestade.

A *Acção Realista Portuguesa* que, porque é realista, tem o culto do principio da Realeza, vem colocar-se toda unida e inspirada pelos mesmos sentimentos de devotamento e sacrificio ao lado do Rei, para que este, na hora torva de lutas inconfessaveis que atravessamos, veja que não está sósinho, e pelo que nos diz respeito, é o mesmo Rei livre e magnificamente integrado no Interesse nacional.

Nós batemo-nos por principios — pelo principio monarchico na sua máxima pureza e na sua plena integralidade. E porque Vossa Magestade, tão irrepreensivelmente representa e consubstancia esse principio, nós batemo-nos pelo Rei, e aqui estamos a afirmar-lhe a nossa incondicional solidariedade, *estranhos a quaisquer considerações que não sejam as sagradas e legítimas considerações do Prestigio da Realeza, da Autoridade do Rei e do Interesse da Patria.*

As coisas são o que são, e não o que nós queremos que elas sejam. As realidades valem mais do que as palavras e do que as afirmações.

Ora a realidade, a triste realidade, é que a chamada Causa monarchica era apenas uma taboleta, um rótulo a abrigar uma mistura inconvertivel de monarchicos e de não-monarchicos. Sob a veste illusoria da Unidade da Causa, viviam os sentimentos mais opostas, as opiniões mais irreductiveis. Caminhava-se ás cegas, numa noite profunda, para um futuro de trevas. Caminhava-se para uma restauração, que seria apenas um golpe de audacia a abrir um espaço totalmente vazio, a iniciar uma era cheia de duvidas, interrogações e misterios. Ia se arrastar a Nação para uma aventura envolvida em bruma, da qual ninguem sabia o que sairia, a não ser esta palavra vaga que nada significa: a Restauração. Espalhava-se por toda a parte a teoria insensata de se caçar primeiro o urso — como se a Restauração da Monarquia fosse um incidente desportivo.

Caçar primeiro o urso... E depois? Depois cairiamos uns sobre os outros, á procura cada um de nós dos nossos destinos, tratando de descobrir o melhor meio de salvar a Patria. Devia ser bonito e edificante o espectáculo! Que se diria do General em chefe que desencadeasse a batalha, antes de ter elaborado o plano das operações? Que se diria do cirurgião que abrisse o corpo do doente, antes de saber o que havia de fazer? Caçar primeiro o urso, isto é, destituir o regimen republicano, antes de se saber o em que consistiria a Monarquia proclamada, era atirar o país para um abismo sem fundo.

Essa situação, conveniente aos que são monarchicos por birra ou por incompatibilidade com os republicanos, era irremediavelmente nefasta á Nação e a Vossa Magestade. Nós não somos monarchicos por despeito, nem por incompatibilidade com os republicanos. Nós somos monarchicos, porque o interesse nacional impõe a Realeza, porque esta

serve como nenhuma outra forma de governo o interesse da Nação. Nós somos monarchicos, porque, enquanto a Republica é o regimen dos partidos, a Monarquia é o regimen da Nação. Por isso nós nunca vimos com prazer essa situação da chamada Causa monarchica que vivia consagrando oficialmente o principio perigoso da ausencia legitima de ideias, quanto ao futuro da Monarquia.

Vossa Magestade, na compreensão magnifica das suas altissimas funções, na consciencia plena das suas responsabilidades perante a Historia, no propósito evidente de afirmar a sua vontade e na decisão admiravel de nos conduzir, reconheceu o perigo da situação, viu o cataclismo para que se caminhava, a aventura misteriosa que se nos abria diante dos pés, e falou as palavras audazes e fortes, não como Rei Constitucional, simples chancela de leis e decretos, simples figurante inerte duma comparsaria inutil — mas como Rei livre, conscio do seu dever, senhor das suas acções, e Chefe, não de um Estado inorganico, mas de uma Nação hierarquizada.

Falou, e todos nós O ouvimos.

No campo republicano, foi o clamor estrepitante de colera. No campo monarchico, houve imediatamente, a par de aplauso febril e entusiasta de uns, a reserva, a frieza, a duvida, o espanto, o mau humor de outros.

Todos aqueles que anseiam por uma Monarquia interalmente católica, integralmente monarchica, e integralmente nacionalista, aplaudiram calorosamente as palavras de Vossa Magestade. Todos esses aclamaram o Rei, porque sentiram que a mão de Vossa Magestade os conduzia á vitória. Mas aqueles que, envenenados pelo liberalismo corruptor e desorganizador, sonham ainda a Monarquia da Igreja serventuária do Estado, e elemento de galopinagem eleitoral, a Monarquia do Rei servo dos partidos e das facções e das conjuras dos corredores parlamentares, alvo preciso das objurgatórias insolentes dos tribunos do Parlamento, a Monarquia inspirada occultamente pelo Maçonismo internacionalista — esses começaram logo por exigir que as palavras de Vossa Magestade não viessem todas a publico, e que o Pensamento de Vossa Magestade fosse amputado ou disfarçado.

Porque o exigiram, Senhor !

E exigiram no, ameaçando ! Exigiram-no, impondo a sua influencia de caciques ou a sua bolsa de argentários ! Exigiram-no faltando ao respeito ao Rei, censurando o Pensamento do Rei, permitindo-se a louca suposição de que interpretam melhor o interesse nacional, do que Vossa Magestade !

O Lugar-Tenente de Vossa Magestade, que tão admiravelmente cumpriu nesta conjuntura, sem traír, o Pensamento do seu Rei, sem desobedecer ás instruções que Vossa Magestade lhe dava, fez quanto possivel por acalmar as impertinencias revoltantes dos que assim procediam, e suprimiu da Mensagem de Vossa Magestade duas ou três expressões mais caracteristicas, que os partidários do Liberalismo consideravam offensivas da sua sensibilidade.

Perante esse facto, a *Acção Realista Portuguesa* protestou junto do Lugar-Tenente de Vossa Magestade, sendo informada, nesse momento, dos seus propósitos de publicar um artigo interpretativo do Pensamento Régio, o que efectivamente fez, e no qual afirmava ás gerações novas de Portugal que a Monarquia que El-Rei preconisava, era a Monarquia dos seus sonhos.

## ACÇÃO REALISTA

O órgão officioso da Causa Monarquica manteve o mais absoluto silencio, quer em relação á Mensagem de Vossa Magestade, quer em relação ao artigo do Lugar-Tenente. De jornais republicanos, caíam sobre Vossa Magestade criticas, censuras e calunias. E o órgão officioso da Causa monarchica não tinha uma palavra em defesa de El-Rei, nem uma letra, nem uma virgula! Jornais monarchicos deturpavam claramente o Pensamento de Vossa Magestade, E o órgão officioso da Causa — mudo e quedo,

Deante desse spectaculo degradante, a *Acção Realista Portuguesa* declarou ao Lugar Tenente de Vossa Magestade, que ou a situação se modificava ou ela abandonava os seus lugares no Conselho Politico. O Lugar-Tenente de Vossa Magestade abriu então as colunas do *Correio da Manhã* á colaboração da *Acção Realista*, para a defesa e comentário da Mensagem de Vossa Magestade, confirmando o verdadeiro pensamento de El-Rei. Ante as declarações e instruções peremptórias do Lugar-Tenente, convocou-se a reunião extraordinaria do Conselho Politico, para que ele tomasse conhecimento daquilo a que se chamava a «nova orientação da Causa monarchica», encarrega-se mesmo o *leader* da Camara dos Deputados de participar aos seus parlamentares essa «nova orientação.»

Entretanto a *Accção Realista Portuguesa* publicava no *Correio da Manhã*, e sob a sanção do Lugar-Tenente de Vossa Magestade, tres artigos defendendo El-Rei, e exaltando a sua Mensagem. Esses tres artigos eram uma especie de prefacio á serie projectada, e autorizada por Quem de direito, de comentário minucioso a cada um dos passos fundamentais da Mensagem de 27 de Fevereiro.

O facto de o *Correio da Manhã* estar publicando artigos em defesa de Vossa Magestade despertou mais ainda os arraiais monarchicos. E surge a reunião extraordinaria do Conselho Politico, convocada para que este tomasse conhecimento da «nova orientação» da Causa Monarquica.

Porque cumpre, Senhor, nunca esquecer que o Conselho Politico foi convocado extraordinariamente para tomar conhecimento daquilo a que se chamava a «nova orientação» da Causa Monarquica, tal como a definira o Lugar-Tenente de Vossa Magestade, nas instruções que dava para que a *Acção Realista* defendesse e comentasse a Mensagem régia, e nas expressões que empregára na sessão da Comissão Executiva de que saiu o pedido de convocação do referido Conselho. A *Acção Realista* constatou, logo de entrada, porém, que se fôra convocado para tomar conhecimento da «nova orientação» da Causa Monarquica, o Conselho estava reunido para fins muito diversos dos que tinham provocado o pedido de convocação.

A *Acção Realista* viu que a maioria do Conselho era constituída, não por monarchicos que sabem o que seja ser monarchico, mas por monarchicos deficientes que entendem que o Rei deve obedecer aos seus caprichos, ás suas impertinencias, ás suas vaidades e aos seus interesses! A *Acção Realista* ouviu expressões e conceitos que a habilitam a dizer a Vossa Magestade, com dôr e franquesa, que com aqueles monarchicos, antes o exilio com as negras saudades da Patria, para que não lhe aconteça, Senhor, vir encontrar na Patria amarguissimas saudades do exilio. . .

A *Acção Realista*, inteiramente disciplinada em volta do Rei, fazendo muralha em redor de Vossa Magestade, absolutamente integrada no espirito da Mensagem de 27 de Fevereiro, e fielmente obediente ao Pensamento que essa Mensagem traduz, não quer ser

solidaria, Senhor, e não o é com a decisão grave do Conselho Superior da Política monarchica de 27 de Março, constante do numero 2 da moção lá aprovada, porque essa decisão, além de constituir a reprovação da attitude do Lugar-Tenente efectivo de Vossa Magestade, traduz insufismavelmente o repúdio do Pensamento de El-Rei, e da doutrina da Sua Mensagem.

Sob a redacção, aparentemente inofensiva, desse numero 2 da moção que proclama a «mais estrita neutralidade do órgão officioso da Causa em relação á doutrina de cada uma» das correntes doutrinarias nela existentes, está a punhalada cobarde, com que o Liberalismo da Causa Monarquica feriu a magnifica Mensagem de El-Rei.

Todo o Prestigio de Vossa Magestade se afunda, sob as palavras dessa resolução. Toda a Autoridade Pessoal e Real de Vossa magestade é desfeitiada pelos propósitos, que animaram essa resolução.

A *Acção Realista Portuguesa* tentou evitar o escândalo e o ultrage. Chamou a attenção do Conselho para o que significava aquella resolução atrabiliária.

Propôs que se adiassem os trabalhos do Conselho para quando estivesse presente o Lugar-Tenente efectivo. Tudo foi vão. O Liberalismo monarchico estava com pressa. Parecia que a sua preocupação consistia em dar satisfação ás reclamações dos órgãos republicanos, e aos appetites dos galopius de eleições.

Não hesitou, portanto, em levar a sua ávante, contra as observações e o voto da *Acção Realista Portuguesa*.

Nessa memoravel e tristissima sessão do Conselho Politico, de 27 de março, só a *Acção Realista Portuguesa* votou por El-Rei, só ella foi fiel a El-Rei, só ella se manteve obediente ao Pensamento e á Doutrina de El-Rei. Tudo o mais prestou homenagem aos principios revolucionarios que o maçonismo protege e de que a Republica é a consagração official. Nestas condições, a Causa monarchica, Senhor, é apenas Vossa Magestade, com a sua Mensagem de 27 de Fevereiro, tal como foi lida, com o seu Pensamento, tal como foi nela formulado, com as suas Aspirações, tal como estão nela definidas, e a *Acção Realista Portuguesa*, como todos os monarchicos absolutamente integrados no Pensamento, na Doutrina e nas Aspirações de Vossa Magestade. Entre Vossa Magestade e a *Acção Realista Portuguesa*, só ha a distancia que vai do Rei aos subditos e do Chefe aos soldados. De resto somos, pelo Pensamento, pela Doutrina e pelas Aspirações, um só Espirito e uma só Vontade. O que Vossa Magestade pensa, pensamos-lo nós; o que vossa Magestade quere é o que nós queremos!

E, porque assim é, aqui estamos, Senhor, a denunciar a mentira da chamada Causa Monarquica, não em segredo, ao ouvido de Vossa Magestade, como se praticassemos um acto censuravel, mas deante do paiz inteiro, para que o paiz inteiro julgue os acontecimentos, e faça inteira justiça ao altissimo critério de Vossa Magestade. Nesta attitude desassombrada de dedicação incondicional a Vossa Magestade, nós prestamos um inegavel serviço á Nação, porque desmascaramos aqueles que, á sombra de Vossa Magestade, andavam tecendo uma nova obra de discordia e desgraça.

Rompemos com esta franqueza e esta clareza, as hostilidades, desligamo-nos, por completo, de qualquer cooperação com o Conselho Politico da Causa, prescindimos da colaboração que nos foi oferecida no *Correio da Manhã*, pois nol-a condicionavam, não nos

deixando exaltar e comentar a Mensagem de Vossa Magestade, — porque não somos solidários com adversários de El-Rei, com aqueles que querem sobrepôr-se ao Rei, e pretendem que Vossa Magestade seja um frágil manequim nas suas mãos e sirva as suas ambições.

Com monarchicos, que ainda estão na fase primitiva e caquética do Rei primeiro funcionário público do seu país, do Rei poder moderador, e quejandas sensaborias mofosas, e que ainda por cima se permitem o desejo de tutelar El-Rei, de julgar o Seu Pensamento, e de opôr reservas á Sua Doutrina — não, não e não!

|| Sós com El-Rei, ficamos muito bem. Se ficassemos com eles, ficávamos muito mal! Pretendem eles justificar a sua attitude, afirmando que o Rei é Rei de todos os monarchicos, e não pode e não deve, portanto, ter ideias e doutrinas, pois que as doutrinas e ideias dos monarchicos de que é Rei, não são uniformes. Argumento infantil, para não lhe chamarmos pior, e que revela bem os estragos que, na intelligencia, fez o cancro liberalista. Se o argumento fosse de receber, Vossa Magestade nem monarchico devia ou podia ser. Se Vossa Magestade é Rei de todos os portuguezes, e se nos portuguezes há, pelo menos, monarchicos e republicanos, Vossa Magestade, não pode ser monarchico, porque é colocar Se contra os republicanos. Mas, se Vossa Magestade pode ser Monarchico, sem que isso o iniba de ser Rei de todos os portuguezes, porque não ha-de Vossa Magestade poder ser o Rei, que a sua Mensagem revela, sem que isso o impeça de ser Rei de todos os monarchicos?

Ah! Senhor! Temos a impressão de que essa Monarquia Liberalista, que abriu os túmulos, que encerram os cadaveres de El-Rei D. Carlos e do Principe Real, e levou Vossa Magestade para o exilio, não aprendeu nada com estes quinze anos de calvário republicano. É ainda a mesma, com as suas ameaças, com as suas conjuras, com as suas vaidades tolas e com as suas inépcias vaidosas.

Mais do que nunca, nós sentimos o orgulho forte de nada querermos com ela. E aos homens, que querem restaurá-la sob qualquer disfarce que nos exibam, nós consideramo-los tão adversários de Vossa Magestade como os partidários do regimen republicano.

Porque se, até 27 de Fevereiro, a Causa Monarquica, pela ausencia duma Doutrina e de um Pensamento, era uma entidade amorfa, gelatinosa, capaz de todas as formas, desde o dia 27 de Fevereiro passou a ser algo de mais alto, de mais belo, de mais fecundo e de mais activo: passou a ser uma ideia. Da palavra vã — Monarquia, passou a ser a expressão viva e vigorosa — Monarquia Nova, Catolica, Tradicionalista.

Antes de 27 de Fevereiro, a pergunta de todas as bôcas — que quer a Monarquia? só era licita uma resposta: o Poder. Depois de 27 de Fevereiro, essa pergunta só uma resposta comporta: salvar a Nação!

E Vossa Magestade, que tão profundamente alterou a situação da Causa Monarquica, transformando-a duma coisa apática e antipática num organismo cheio de vida e de futuro, em vez de encontrar á sua volta, numa aclamação unânime, todos os monarchicos, — que vê, Senhor?

Vê nos a nós, rodeando-O e aplaudindo-O e vê os representantes do Liberalismo, os defensores do Constitucionalismo, erguidos contra Vossa Magestade tentando, primeiro,

ocultar o seu Pensamento, procurando, depois desvirtuá-lo, e, por fim, chegando ao cúmulo de o condenar.

Não! Senhor! Nós somos contra o Conselho Politico — e por Vossa Magestade! Nós somos contra o Liberalismo Monarquico — e por Vossa Magestade! Nós somos contra os influentes eleitorais — e por Vossa Magestade! Nós somos contra os censores do Pensamento de El-Rei e por Vossa Magestade! Nós somos contra tudo que cerceie o livre procedimento de Vossa Magestade e embarace o seu Pensamento, e desvirtue a sua Doutrina e abafe a sua Mensagem de 27 de Fevereiro — porque somos por El-Rei Livre — livre como Rei e livre como Chefe!

Essa Mensagem, Senhor, é a Carta de Alforria do Pensamento Monarquico. Vivia este escravizado a fórmulas, a mentiras, a preconceitos, a superstições e habilidades. A medo se manifestava. Hesitante se afirmava. Mas Vossa Magestade, com a sua Mensagem, quebrou as cadeias, que prendiam, ergueu-o do ergástulo nefando em que ele jazia, trouxe-o para a luz do sol, para o ar vivificador, e para a Vida, e para a Luta, e disse-lhe, com a Sua suprema autoridade de Rei: caminha!

E hoje, Senhor, o Pensamento Monarquico, livre, segue o seu caminho, impetuosamente, devastadoramente, como a corrente avassaladora dos grandes rios. Nada o deterá já, Senhor, nada! O Pensamento Monarquico, liberto pelas mãos augustas de Vossa Magestade, segue ovante á conquista do futuro. E' o Pensamento de Vossa Magestade que o guia; é a Doutrina de Vossa Magestade que o ampara; é a Mensagem de Vossa Magestade que lhe serve de estandarte animador...

E agora?

O Lugar-Tenente de Vossa Magestade o disse: — «é andar para diante. O caminho está traçado.»

Abrindo os braços a todos os que respeitem o Pensamento de Vossa Magestade, e nele se integrem, venham donde vierem — encaremos o futuro. Percamos o amor aos Inuteis e aos Cadaveres. Deixemos ficar os primeiros na contemplação espasmodica da sua propria sombra, arrumemos os segundos á beira da estrada, para que neles não tropecem as gerações que chegam, anciosos de vida e de vitória. Desembaraçado de uns e de outros, Vossa Magestade tem toda a força para realizar a Unidade Integral da Monarquia, proclamando sua Alteza Real o Senhor D. Duarte Nuno, Herdeiro Presuntivo da Corôa, encerrando dess'arte, o ciclo de desarmonia que o seculo dezenove abriu. Bem sabemos nós quão intimamente e sinceramente Vossa Magestade deseja a concórdia dinástica, e quão incansavelmente se tem dedicado a cimentá-la em bases indestructiveis. Realizada a Unidade Dinastica, a Unidade Monarquica é uma realidade insofismavel, porque o Pensamento de Vossa Magestade é a síntese perfeita das aspirações nacionalistas de Portugal.

Condenando a Democracia, confirmando a falencia do Sistema Parlamentar, baseado no Sufragio Universal e no voto politico, manifestando que só o escrupulo da sua consciencia de católico prende Vossa Magestade á Carta Constitucional, dirigindo-se aos Novos, cujas aspirações Vossa Magestade muito bem conhece, e precisando as bases da Monarquia futura, Vossa Magestade oferece-nos, em substituição da Monarquia falsificada, da Monarquia republicana, da Monarquia de origem estrangeira do regimen liberal — a

## ACÇÃO REALISTA

pura Monarquia portuguesa, a Monarquia Nova, Catolica, Tradicionalista, a Monarquia dos Municipios e dos Sindicatos, das liberdades corporativas e das franquias locais — quer dizer, a Monarquia organica, anti-parlamentar, autoritaria, do poder Pessoal do Rei e das Cortes Gerais Tradicionais da Nação

E para essa Monarquia, Senhor, em que Rei reina e governa como, em sete seculos da historia de Portugal, reinaram e governaram os Reis de Portugal, para essa Monarquia, isenta do Pecado Liberal, fonte da anarquia em que o Paiz hoje se debate, para essa Monarquia que Vossa Magestade preconisa, e que constitue o seu ideal de Rei — para essa Monarquia, Senhor, as gerações novas caminham, certas dos seus passos, e firmes na sua resolução, obedecendo á voz dos Antepassados, e honrando a memoria dos que, nestes quinze anos, tem caído na luta em sacrificio generoso.

Ha que resgatar Portugal do cativo, libertando-o do poder do Demónio, e restituindo-o ao poder de Deus, salvando-o da tirania bruta do Número, e entregando-o á direcção responsavel das Competencias. Ninguém melhor do que Vossa Magestade conhece e interpreta o Interesse Nacional. As suas palavras, as palavras da sua Mensagem de 27 de Fevereiro, são a chave do nosso futuro, e a voz de comando da nossa batalha. Portanto, será Vossa Magestade quem nos conduzirá a essa hora bendita do resgate de Portugal.

A *Acção Realista Portuguesa* fez-se para servir o Rei e para lutar. Não é um partido que aspira ao poder, que a era dos partidos politicos passou. É uma das expressões da grande corrente doutrinária, que empolgou a intelligencia moça de Portugal, e a salvou dos erros negativistas e dos preconceitos revolucionários das gerações que as precederam.

Ela fez-se para servir o Rei e para lutar. Temos servido Vossa Magestade, conforme temos podido e temos sabido, sem uma deslealdade, sem um esmorecimento da nossa fé. E temos lutado incansavelmente, mais, ás vezes, do que podemos.

É ainda para servir Vossa Magestade que aqui estamos a falar-Lhe sem palavras obscuras, sem pensamentos reservados. E é para lutar que nos declaramos unidos á volta de Vossa Magestade.

Crêmos em Deus. Crêmos no Rei. Crêmos na Patria. Mas em Deus livre, no Rei livre, na Patria livre.

Com a ajuda de Deus, venceremos. Porque temos fé em que Deus não queira o sacrificio eterno de Portugal. Venceremos, contra todos os inimigos do Bem Comum, contra todos os adversários do Interesse nacional, porque á volta do Rei, obedecendo ao Rei, servindo o Rei, nós servimos Deus e servimos a Patria!

Neste dia, Senhor, ao repicar festivo dos sinos, ao esvoaçar leve e branco das pombas, ao cair doce das rosas, ao cantar argentino das vozes inocentes, caem os veus róxos dos altares, enchem-se de vagas de luz as naves dos templos, as mãos erguem-se fervorosas, numa prece, para os Ceus, os olhos enchem-se de alegria, de lagrimas abençoadas, e todo o orbe catolico brada:

— Aleluia! Aleluia!

Depois do pesadelo da Penitencia, da Paixão e do Sacrificio é a Vida que recomeça entre canticos e flores.

Que nos seja propicio este dia, Senhor! Que ele proteja as nossas palavras! Que

Vossa Magestade, reconhecendo as intenções puríssimas do nosso Acto, não oponha duvidas ao oferecimento do nosso serviço! Porque, na hora máxima do sacrificio, e da hora sem igual do exercicio da Vontade Real, Vossa Magestade só encontrará ao Seu lado aqueles que, como nós, entendem que só conduzem á vitória os Chefes a quem se obedece, e não os Chefes que se discutem.

E agora, Senhor, para glória de Portugal, aqui estamos, lealmente e fielmente ás ordens de Vossa Magestade que é o nosso Rei e o nosso Chefe, nós que somos seus soldados obedientes e disciplinados!

Beijamos muito respeitosaente as mãos de Vossa Magestade.

Sabado de Aleluia, 3 de Abril de 1926.

PELA ACÇÃO REALISTA PORTUGUESA

A Comissão Executiva:

*Antonio Ferreira Cabral Pais do Amaral*  
*Alfredo Pimenta*  
*Caetano Maria de Abreu Beirão*  
*Ernesto Gonçalves*  
*Francisco Xavier Quintella*  
*José Pedro de Castro Feyo Folque*  
*D. Ruy da Camara*  
*Visconde do Torrão*

Delegados distritais:

*Sebastião L. de Calheiros Menezes da Silveira* (Viana do Castelo)  
*Francisco Malheiro Correia Pereira Peixoto* (Braga)  
*Sebastião José de Antas Botelho* (Vila Real e Bragança)  
*Antonio Bernardo de Valadares Botelho e Oliveira Leite* (Porto)  
*José Antunes Maia* (Coimbra)  
*Luís Osório* (Castelo Branco)  
*Luís Filipe Charters de Azevedo* (São Sebastião) (Leiria)  
*Luiz Chaves* (Lisboa)  
*Joaquim Lopes da Metta Capitão* (Evora)  
*José Braamcamp de Barahona Fragoso* (Beja)  
*Conde de Silves* (Faro)  
*Francisco Rodrigues da Silveira* (Horta)

Pres. da Junta Municipal de Lisboa:

*Joaquim José Rosado Padinha*

Combatentes:

*Delfim Maya*  
*Gastão de Mattos*  
*Antonio Calainho de Azevedo*  
*Conde de Calhariz*  
*Alvaro dos Reis Torgal*  
*Antonio de Eça de Queiroz*

## ACÇÃO REALISTA

Comissão administrativa :

*Fernando Campos*  
*Francisco Xavier dos Santos Silva*  
*José Eugénio Duarte Ferreira*

Comissão de Propaganda :

*Alberto Ramires dos Reis*  
*Antonio de Menezes*  
*D. Caetano da Camara*  
*Luís da Camara Pina*

Pres. da J. E. da Univ. de Coimbra :

*Luíz de Souza e Vasconcelos*

Pres. da J. E. da Univ. de Lisboa :

*Alberto Henrique Calejo*

Pres. da J. E. da Uní. do Porto :

*Ricardo Pinto da Costa Leite* (Lumbrales)

A Imprensa da Acção Realista :

*Visconde do Ameal* (João Ameal) — director interino da revista **Acção Realista**

*Luís Chaves* — director de *A Voz Nacional*

*José Luís Alves Rodrigues* — director de *A Realeza*

*Bento Caldas* — redactor principal da *Restauração*

*Augusto Pedrosa Pires de Lima* — redactor principal da *Acção Académica*

Secretaria Geral da Acção Realista :

*Laërtes de Figueiredo*  
*Pedro Escórcio da Camara*

## O Pensamento de El-Rei

*O artigo que segue tem a sua historia. Contêmo-la. Quando a Mensagem de El-rei foi lida, certos monarchicos, que temem as ideias, estabeleceram á volta das palavras de Sua Magestade um circulo vigilante e ameaçador. A Mensagem, como todos sabem, foi publicada parcialmente, em pequenas, mas eloquentes, amostras. Mas, depois dessa victoria de mutilar a Mensagem, esses monarchicos da intriga eleitoral e da inercia mental, prosseguiram na sua conspiração, e evitaram que a Mensagem fosse desenvolvida e propagada pelo país. O Correio da Manhã discretamente publicára só uns belos artigos do senhor Conselheiro Aires de Ornelas, — e ficou mudo e saturno.*

*Foi perante este silencio escandaloso que o Lugar-Tenente de El-Rei protestou, — e conseguiu que no Correio da Manhã fossem publicados alguns artigos do senhor dr. Alfredo Pimenta, artigos de comentario e propaganda da Mensagem de El Réi.*

*Foi um pânico nas sonolentas fileiras do liberalismo . . Assistimos nesse momento á rebelião das múmias! A serie dos artigos do senhor dr. Alfredo Pimenta foi suspensa violentamente, logo que o senhor Conselheiro Aires de Ornelas partiu para o estrangeiro. O artigo que segue tinha sido já entregue na Redacção do Correio da Manhã, mas foi expulso das suas conspicias colunas por uma mão vingadora e trémula . . Depois esse jornal publicou uns artigos pitorescos e desastrados que essa mão vingadora e trémula escreveu . . Aguas passadas não movem moinhos . . Mas estas aguas ainda continuam a enpantanar a Causa Nacional da Monarquia.*

*Publicamos este artigo como uma prova, até hoje inédita, da conspiração que se moveu dentro da Causa de El Rei contra o triumpho da doutrina da Mensagem.*

*Não obedecemos a intuitos de ordem pessoal. Esquecemos as pessoas para só ver a luta entre uma ideia fossilizada, que morreu com o seculo XIX, e a ideia moderna, forte e construtiva, que é a melhor esperanza do seculo XX.*

Como muito bem disse o snr. Conselheiro Fernando de Souza, a Mensagem de El-Rei forma «um corpo de doutrina concatenada e harmonica». E como muito bem esclareceu o Lugar-Tenente de El-Rei, a Mensagem de S. Magestade «não admite sophismações».

Quem a lê, objectivamente, sem a reserva de querer vêr nella o que lá não está, e de querer encontrar nella o que apenas existe no espirito ou na intenção de quem a lê; quem a lê, a frio, como devem ser lidos Documentos desta natureza, vê, nitido, desenhado em todos os seus contornos, o Pensamento de El-Rei, e definida, em todas as suas minucias, a sua directriz.

Esta Mensagem de Sua Magestade ou se acata em bloco, ou se repelle. Não é lícito a ninguém, para interpretar o Pensamento de El-Rei, destacar, isolado, ao sabor de o quer que seja, um periodo, uma phrase, uma expressão. Cada periodo, cada phrase, cada expressão vale, não pelo que é individualmente, mas pelo que representa no conjuncto, e pelo que significa como traducção ou consequencia do espirito geral determinante da Mensagem.

A estrutura desta revela-se à primeira vista. Ella encerra affirmações fundamentais e affirmações secundarias que são o complemento das primeiras.

## ACÇÃO REALISTA

Ou a accéitamos, tal como ella é, repito, em bloco, ou a regeitamos.

Ella não foi escripta para servir uma facção, ou um partido. Admittir essa hypotese é injuriar o Rei. Ella foi escrita para servir o Interesse nacional que só pode ser salvo, uma vez que se enverede pela doutrina do mesmo. Não ha duas verdades politicas. A accéitação da coexistencia legitima de duas verdades é um preconceito liberalista que conduz ás peiores situações. A verdade politica é só uma : a do Interesse nacional. E a verdade monarchica tem por criterio fundamental o principio de que o Rei livre, fallando livremente, só ao Interesse nacional attende.

Vêr na Mensagem de El-Rei outra coisa que não seja a traducção expressa do Interesse nacional é um erro. Vêr nella o applauso das opiniões *personais* de quem quer que seja, ou encontrar nella a condemnação dos sentimentos *personais* de quem quer que seja, é um crime.

El-Rei, na Sua mensagem, ignora as opiniões ou os sentimentos *personais* dos portuguezes : Elle só vê, só conhece o Interesse da Nação. E é atravez deste que El Rei formula o seu Pensamento. Encontram-se com este, as opiniões e os sentimentos de *todos* os portuguezes ? Optimo. A Monarchia é possivel, é certa, e a salvação do Paiz é proxima. Algumas opiniões ou alguns sentimentos não se encontram com aquelle Pensamento do Rei ? Essas opiniões e esses sentimentos só têm uma coisa a fazer : aquillo que prégam e louvam quando alguém de opinião contraria adhire á sua : integrar-se no Pensamento do Rei, que o mesmo é que se integrar no Interesse nacional.

Não faz sentido, evidentemente, que andemos sempre, monarchicos e republicanos, a louvar e engrandecer os republicanos que adherem á Monarchia, e os monarchicos que adherem á Republica, e não accéitamos como boa, a doutrina de que todos os Portuguezes devem adherir ao Pensamento do Rei. Como não faz sentido tambem que todos nós sejamos ciosos do nosso pensamento, e queiramos negar ao Rei o direito de pensar que se traduz para Elle no dever de dizer o que pensa. Como tambem não faz sentido que queiramos impôr a nossa maneira de vêr, e nos furtemos a acatar a maneira de vêr de Quem, pela sua situação, pelas suas responsabilidades, sabe melhor do que nós o que convem ao Interesse nacional.

Repellida a insidia republicana de que El-Rei fallou a favor de uns contra outros, e compenetrados todos nós de que é um absurdo suppôr El-Rei fallando contra este e a favor de aquelle, cremos firmemente que a unidade monarchica se manifestará em toda a sua força.

Repetimos e insistimos : na Mensagem de El-Rei, não ha só a lettra : ha o espirito tambem. E não se podem separar uma do outro.

Qual o espirito da mensagem ? Qual a doutrina concatenada e harmonica ?

Ha dois processos de o averiguar : um, indirecto, atravez do 2.º artigo do Lugar-Tenente de El-Rei ; outro, directo, encarando a propria Mensagem.

No seo 2.º artigo, aquí publicado em 5 deste mez, o Lugar-Tenente de El-Rei, dirigindo-se á Mocidade, affirmava-lhe que a Monarchia de El-Rei era «o premio dos seus trabalhos, a Monarchia dos seus sonhos».

Ninguem ignora quais os sentimentos que animam a Mocidade de hoje. Tão claros e precisos elles são que ninguem se atreve a contradizer-me : a Mocidade de hoje é inte-

gralmente catholica, integralmente monarchica e integralmente nacionalista. O Portugal de amanhã é assim. O Portugal de amanhã é a continuação do Portugal de hontem, do Portugal portuguez — Nação una e consciente, isenta do escalracho dos partidos politicos e dos governos do Irresponsavel. O Portugal de hoje é o Portugal abastardado, estrangeirado, desnacionalizado. Em toda a mocidade portugueza ha um sentimento profundo de repulsa pela situação presente. A mocidade portugueza sonha uma Monarchia que seja a adaptação da que fez a Gloria eterna de Portugal, com Deos livre, a Patria livre e o Rei livre.

E' essa Monarchia que El-Rei, na Sua Mensagem magnifica, lhe offerece. A mocidade portugueza tem o Rei que o seu sonho desenha, tem o Chefe que as suas aspirações ambicionam : é a Monarchia Nova, catholica, tradicionalista, ressuscitada de sob os escombros do Liberalismo maçonico e revolucionario. E' a Monarchia dos Municipios e das Corporações que trouxe Portugal de gloria em gloria, até que os partidos politicos, as facções, os grupelhos, as patrulhas ensandeceram a Nação inteira.

E' a Monarchia dos seus sonhos — na opinião auctorizada do Lugar-Tenente de El-Rei — a Monarchia que Sua Magestade offerece á Mocidade portugueza.

Mas não só o processo indirecto legitima a nossa interpretação. Ha o processo directo, o da analyse directa da Mensagem regia.

Sua Magestade, depois de estabelecer a obrigação que se criou de *a todos ouvir*, affirmou o dever de *a todos fallar*. Esta doutrina manifesta bem a independencia de Sua Magestade, a liberdade com que procedeu, a superioridade em que se colloca. «Rei de todos tem a obrigação de a todos ouvir», diz Sua Magestade. mas, continua El-Rei, «igualmente tem o dever de a todos fallar.»

Estabelecido isto, Sua Magestade falla a todos. E a Sua Mensagem tem uns certos pontos capitais que até pela sua disposição logica atravez dela esclarecem amplamente o Pensamento de El-Rei, — o qual, disse o Lugar-Tenente de Sua Magestade, não admitte *sophismações*.

Em artigos subsequentes, irei commentando cada um desses pontos capitais, demonstrando assim que, effectivamente, para me servir da feliz expressão do Snr. Conselheiro Fernando de Souza, a Mensagem forma um corpo de doutrina concatenada e harmonica.

*Alfredo Pimenta.*

## A Mensagem de El-Rei

A Mensagem que Sua Magestade El-Rei de Portugal dirigiu aos portuguezes, lida pelo seu illustre Logar-tenente, em sessão magna de 27 de fevereiro ultimo, é um documento político de tão alta importancia e contem affirmações tão notaveis e de tal interesse para a Pátria e para a Monarquia, que não pôde extranhar-se que no publico causasse a funda impressão que toda a imprensa assignalou.

Nos arraiaes republicanos, o movimento foi de espanto e de profundo desagrado, bem revelados, um e outro, na sua imprensa. Justifica-se a admiração e mais ainda se fundamenta o desgosto dos inimigos da Monarquia. Não esperavam elles que El-Rei D. Manuel, ao fim de quinze anos de exilio e de ponderado silencio, falasse como falou á Nação inteira, exprimindo com inegalavel nobreza e com absoluto conhecimento da gravidade do momento político presente, o seu patriotismo, a sua competencia de verdadeiro Chefe de Estado, e o sentimento de previsão do que mais convem ao futuro de Portugal. Tal não esperavam os republicanos, e como o proceder de El-Rei vae de encontro ás conveniencias anti-nacionaes da republica, os partidarios do actual regimen, depois de manifestarem o seu espanto, deram largas á sua aguda irritação.

Para a grande maioria dos monarchicos, a Mensagem de El-Rei foi motivo justo de alegria e de applauso. O Chefe Supremo da Causa Monarquica manifestava-se, emfim, de accôrdo com as modernas correntes da politica europeia, repudiando os velhos e bafientos principios d'um sistema político exotico, degenerado, pernicioso, que, em longos annos de pratica, fez descer o Paiz e fez descer a Monarquia a inclinada ladeira que levou um á perdição e á ruína, a outra á queda e á morte.

El-Rei, na plenitude dos seus dotes de dirigente, de político, de Chefe, patenteava amplamente o seu pensamento, o seu modo de ver e de sentir, em coincidência com os legitimamente interesses da sua Pátria bem-amada.

Bem fez El-Rei!

\*

Tenho conhecimento completo da Mensagem do senhor D. Manuel II. Ouvi-a ler, desde a sua primeira á sua ultima palavra. Grande lástima é que houvesse quem oppuzesse embargos, contra o interesse da ideia monarchica, á publicação, na integra, da sua notavel Mensagem. Pessimo serviço prestaram ao Soberano e á Patria os que fizeram pressão — porque pressão se fez! — para que da Mensagem régia se estampassem apenas períodos breves, phrases entrecortadas, muito significativas, sim, mas deficientes, pelo que toca ao conhecimento amplo, que todos os portuguezes deviam ter do pensamento de El-Rei.

Mas, pelo que veio a publico, pôde saber se o que El-Rei pensa, o que El-Rei quer, o que El-Rei opina, relativamente á Monarquia Portugueza, que, ao ser restaurada — afirma o energica e terminantemente Sua Magestade na sua Mensagem — *não pôde ser o que era em 1910.*

E não pôde ser, sob pena de, a pouco trecho, se abysmar, de novo, e de vez, na sinistra e negra sepultura, que a Historia escancára sempre a todos os regimens que não sabem nem podem viver,

El-Rei quer uma nova Monarquia. Escreveu Sua Magestade :

«A Monarquia do futuro tem de ser baseada sôbre Deus e a Religião, sôbre a Tradição, sôbre a Auctoridade, sôbre princípios e convicções, sôbre a Ordem».

Assim se exprime El-Rei, a respeito da Monarquia futura. E accrescenta : «cabendo a El-Rei o orientar as diferentes e mesmo divergentes correntes d'opinião».

Houve monarchicos que se oppozeram á orientação dada por El-Rei á Causa Monarquica, na sua Mensagem. Mal procederam ! Felizmente, os que soffreram, os que combateram, os novos, os que hão de, um dia, restaurar a Monarquia em Portugal, acataram a orientação de El-Rei e seguem-na sem rebeldias, sem protestos, sem opposição encoberta, que é mais censuravel, talvez, do que a opposição ás claras.

Continúa El-Rei na sua notavel Mensagem :

«As eleições são indispensaveis, hoje, mas o Paiz reclama. e com razão, mais alguma coisa.

«O systema parlamentar, tal como elle existe. falliu.

«Querendo salvar Portugal, tem de se modificar aquillo que ha tantos annos tem exhausto o Paiz : não se pôde seguramente consentir nada que impeça a obra de reconstrucção Nacional»,

Nada mais claro.

«O systema parlamentar, tal como elle existe, falliu». E como é que elle existe em Portugal ? — Existe, com a intervenção desastrosa do suffragio universal. Existe, escolhendo-se para a representação parlamentar, não as competencias, mas os deputados que mais conveem aos enredos e ás tramas da politica. Existe com esquecimento das classes, das corporações, dos profissionaes, e para proveito das clientelas e dos partidos. Existe, com o dominio esmagador das maiorias, que vencem, pela brutalidade do numero, os que sabem pensar, os que deviam decidir. Existe. . . como para ahi existe !

Para salvar Portugal, bem quer, pois, El-Rei que se modifique e reforme *aquillo*. Patrioticamente pretende El-Rei que não mais se consinta aquelle formidavel embaraço, que tanto impede a obra da reconstrucção Nacional.

\*

Basta o que da Mensagem régia foi publicado para se saber o que o Rei de Portugal, condemnando a democracia e o parlamento, quer que na gloriosa nação que os seus maiores fizeram grande e tornaram respeitada, se restaure uma nova Monarquia, muito diferente do que era a que os erros e as ambições deixaram que em 1910 se afundasse.

El-Rei quer a Monarquia Catholica, tradicionalista, baseada na Ordem e na Auctoridade. El-Rei quer a Monarquia dos Municipios e dos Sindicatos, a Monarquia organica, anti-parlamentar.

Eis o que El-Rei quer. Exactamente o que nós queremos, ensinados pela triste ex-

## ACÇÃO REALISTA

perencia d'um triste passado, d'um passado deploravel, que só deu á nação, e á dynastia reinante, desastres, crimes, erros graves. Maus dias vieram, para todos, da Monarquia constitucional, que morreu — talvez um suicidio... — em 1910. Essa não a quer El-Rei ; essa não a quer a geração nova ; essa não a queremos nós.

A Mensagem de El-Rei é clara e não offerece duvidas. N'ella, Sua Magestade exprimiu-se em termos peremptorios e significativos, em tudo dignos d'um Rei portuguez, a cuja voz de commando todos devem obediencia e respeito. N'esse luminoso documento, o Senhor D. Manuel II, poz o seu pensamento com toda a nitidez, e esse pensamento é hoje a lei que todos os monarchicos devem respeitar e seguir.

Para todos os portuguezes será e se fará a Monarquia Nova, prescindindo dos partidos, das clientelas, das facções, que só curam dos seus interesses, desprezando os altos interesses nacionaes. Será essa a Monarquia salvadora, a cuja sombra benefica só terão cabimento as energias productoras, as profissões, todos os que labutam pelo bem commum, que é o bem da Nação.

Unamo-nos, pois, todos, para restaurar essa Monarquia, como a quer El-Rei, como a quer o paiz. Todos unidos, caminhemos para a victoria, que ha de vir, certa, segura, inevitavel !

El-Rei deseja ardentemente a união de todos os monarchicos portuguezes. Desejamos-a nós tambem. Mas essa união tem de fazer-se em volta da Mensagem régia ; temos de nos agrupar e reunir sob o pensamento de El Rei. Só assim poderemos chegar ao nosso fim, só d'essa fórma alcançaremos restaurar a nossa Monarquia secular.

Para levar a cabo essa empreza, estejamos todos preparados. De um dos seus mais bravos generaes, dizia Napoleão I que elle « estava sempre prompto, sem nunca estar apressado ». Sigamos o exemplo e a indicação. Sem termos pressas, estejamos prestes e decididos a correr á voz de El-Rei. Já essa voz se fez ouvir, transmittida até nós pela Mensagem lida na sessão historica de 27 do ultimo fevereiro. Obedecemos a essa voz, e quando ella de novo soar, reclamando de todos nós a salvação nacional, corramos então ao assalto e arvoremos para sempre, nos castellos de Portugal, a bandeira fulgente das quinas, que a Monarquia secular desfraldou gloriosamente em todos os recantos do mundo !

Lisboa 1-V-926.

*Antonio Cabral*

## O meu depoimento

Nunca me falaram na união de todos os monárquicos que não me acudisse à memória este aforismo do Imperador Carlos V: *não pôde haver paz nem prosperidade onde não houver conformidade de doutrina.*

Sob uma falsa aparência de unidade, existiam, adentro da chamada Causa Monárquica, duas correntes doutrinárias, absolutamente antagónicas, pelos seus princípios e processos. Eram elas o reflexo de dois pensamentos opostos, desde a sua origem filosófica até ao objectivo que visavam: o Pensamento contra-revolucionário, e o Pensamento liberal.

A primeira dessas correntes doutrinárias, representada pela *Acção Realista Portuguesa*, corresponde ás mais modernas conclusões da sciência política, e inspira-se naquelas leis eternas que condicionaram a formação e o desenvolvimento da nacionalidade portuguesa. Estruturalmente nacionalista, reagindo contra todos os erros revolucionários, ella conclue pela Monarquia orgânica, tradicionalista, anti-parlamentar, pela Monarquia corporativa, descentralizada.

Não confundindo, de modo algum, poder pessoal com poder absoluto, essa corrente doutrinária de que a *Acção Realista Portuguesa* é a expressão, pretende restituir a Realeza à sua função própria e salutar, substituindo o Rei da *Carta*, que *reina e não governa*, pelo Rei Chefe nacional, que *governa mas não administra*, na definição perfeita do Doutor José da Gama e Castro. Ella quer *um Rei sem alcunha*, como diziam os portugueses de 1820, quando se lhes falava em rei constitucional, «hum Rei que tenha huma existencia propria, hum principio activo, que sem dependencia de outrem anime, e vivifique o Estado; que não reparta com outrem os attributos essenciaes da Soberania, nem por outrem possa ser embaçado de fazer todo o bem possivel aos seus vassallos; hum Rei que seja o orgão da Divindade, e não o das facções,»<sup>1</sup> no conceito de outro Mestre da Contra-Revolução, o desembargador José Accursio das Neves. — *Ao Sindicato o que é do Sindicato, ao Município o que é do Município, à Província o que é da Província, ao Estado o que é da Nação*, — é em fim o seu emblema, e o seu lema.

A segunda, a corrente liberal, assenta na doutrina que proclama a completa independência da liberdade humana, negando toda a autoridade na ordem moral, intellectual e política. Tomando por estatuto a famosa *Declaração dos Direitos do Homem*, o *liberalismo*, quer adaptar ao povo português, preceitos, fórmulas e tendências declaradamente estrangeiras e incompatíveis com o seu carácter e tradições.

Desconhecendo a existência orgânica da Nação, para o *liberalismo*, essencialmente democrático e maçónico, a sociedade é constituída por uma soma de indivíduos, aos quais elle attribui a soberania, exercida por meio da grande mistificação do sufrágio universal.

Ignorando que o agrupamento familiar é a base e a verdadeira célula da colectividade, agrupamento que encontra a sua ampliação na Freguesia, na Corporação profissional, no Município, e na Província, para o *liberalismo* só ha partidos políticos, agregados numéricos

<sup>1</sup> José Accursio das Neves — *Cartas de Hum Portuguez aos seus Concidadãos*, 1822, pág. 102.

## ACÇÃO REALISTA

de indivíduos-eleitores, a cuja soberana incompetência êle confia, em nome dos *Imortaes Princípios*, os destinos sagrados da Pátria.

Individualista, por princípio, o *liberalismo* renega o Passado e entrega o Futuro ao acaso da eleição, quer seja em república, quer seja em Monarquia Constitucional ou Liberal, em que o Rei não passa de um funcionário do Estado, ou de um serventário das maiorias parlamentares. «O liberalismo e a Revolução é tudo um. O liberalismo é a doutrina da Revolução, e a Revolução é a aplicação pratica do liberalismo,» diz o padre Ramière. «Esta prática, assim como a theoria, pôde ser mais ou menos logica : ha Revolução moderada, e Revolução radical. Mas entre as duas, não ha outra differença mais que a que distingue a torrente no momento em que ella rompe os diques, da mesma torrente quando assola as campinas : a differença entre o principio e suas consequencias.»<sup>1</sup>

Ser liberal é dar acolhimento a todas as superstições inventadas pelo filosofismo político do século XVIII ; é acreditar na falsa lei do progresso indefinido, na Democracia, na Liberdade, no Parlamento, em toda essa metafísica revolucionária que, tendo a sua origem no racionalismo de tantos filosofos germânicos, veio a extravasar nas páginas demolidoras da *Enciclopedia*.

O monárquico liberal é só monárquico pela força das circunstâncias, e não porque acredite nas virtudes da Monarquia. Para êle, a república, em teoría, é superior ao regime monárquico, com o qual sómente transige, provisóriamente, *em quanto o povo não adquire um gráu de educação cívica que lhe permita disfrutar as vantagens do sistema republicano*.

— *A república é superior à Monarquia, mas o país ainda está muito verde, ainda se não encontra preparado para a receber.*— Assim falavam conselheiros e servidores das instituições monárquicas de 1910, e eu bem me recordo de lhes ter ouvido a enormidade como muitos, também, se recordarão.

Todo o seu esforço consistia, pois, como bons liberaes que eram, em afeiçoar o terreno político para tornar possível o advento da república, o regime *progressivo* que havia de fazer a felicidade da gente portuguesa, *exterminando o Catholicismo em duas gerações*, e levando Portugal *à guerra e à glória*, na frase de um dos muitos ministros da Instrução . . . republicana.

Eram assim os monárquicos constitucionais, representantes de uma época que passou e não pôde voltar, mais vítimas do que réus, prêso de um sentimentalismo vasio de alcãce e de realizações. O seu êrro foi o êrro do meio em que viveram e o seu pensamento se informou ; o seu pecado foi o pecado de uma geração a cujas tendências só raros espíritos souberam resistir. Por isso, não lhes queremos mal.

Era esta, adentro da suposta Causa Monárquica, a corrente doutrinária representativa do *liberalismo* político, daquele *liberalismo* que, no critério do frade de Garrett se reduz a duas coisas : *«duvidar e destruir por principio, adquirir e enriquecer por fim,»* — constituindo, no dizer da personagem garreteana, «uma seita toda material em que a carne domina e o espirito serve». E o frade acrescentava : «tem uma força para o mal ; bem verdadeiro,

<sup>1</sup> Henry Ramière—*O Liberalismo desmascarado*, obra traduzida, compilada e anotada por um vimezanense, Guimarães, 1877, pág. 48.

real e perduravel, não o pôde fazer. Curar com uma revolução liberal um paiz estragado, como são todos os da Europa, é sangrar um tysico : a falta de sangue diminue as ancias do pulmão por algum tempo, mas as forças vão se, e a morte é mais certa.»<sup>1</sup>

\*

A tão opostos princípios e doutrinas, não podiam deixar de corresponder processos divergentes de organização e de combate. Assim, os monárquicos constitucionais limitavam a sua acção ao ataque ás instituições republicanas, no campo jornalístico, e à concorrência ás urnas, no campo eleitoral. Zurzindo os homens do regime pelos seus desmandos administrativos, e dispondo da melhor fórma as forças eleitorais, pareciam satisfazer-se com o triunfo estéril de derrubar governos, confundindo-se com as oposições republicanas, como se elles pudessem, por ventura, vir também a ser govêrno em consequência da preconizada *luta legal*.

O seu objectivo era destruir a república para restaurar a Monarquia Constitucional. Restaurada ela — diziam — o país se pronunciará, então, sobre qual seja a formula política que mais lhe convem adoptar.

Nunca lograram, porém, elucidar-nos como poderia essa Monarquia ser proclamada, atendendo à orientação *eleiçoeira* que imprimiam à Causa, e à sistemática aversão manifestada pela propaganda dos verdadeiros princípios monárquicos, a qual se achavam inibidos de fazer, pela razão pura e simples de os não perfilharem . . . E se, acaso, a Monarquia vingasse, por que forma havia a Nação de se manifestar ? Pelas Côrtes da *Carta* restaurada ?

Mas quem acredita nelas, que não passam de uma parada de influências partidárias ? Só uma *Assembleia Nacional* pôde congregar os legítimos representantes dos organismos provinciais, municipais, profissionais, só ela pôde representar os interesses da Nação. Iam, então, os políticos dessa Monarquia Constitucional, convocar uma assembleia de que sairia a sua liquidação ? Caminhariam elles assim, patrióticamente, para o suicídio, reunindo umas *Côrtes* contrárias aos preceitos da *Carta Constitucional* ?

Nunca êsse problema foi devidamente esclarecido, ou antes, não convinha esclarecê-lo, não fôsse a Causa perder os votos dos *caciques* que, no entanto, os vão comodamente cedendo aos influentes republicanos . . .

Nestas condições é bem de ver que a chamada Causa Monárquica não passava de uma ficção, que nunca ela poderia ser *uma causa*, visto que, em si, encerrava *duas causas*, — a *Causa Nacional* e a *Causa Constitucional*. Para ser uma causa, faltavam-lhe as características essenciaes : *unidade de doutrina e unidade de acção*. Sem elas, não é possível o triunfo ; e, porque as não possuia, durante quinze anos, andou a Causa Monárquica transviada dos caminhos luminosos da vitória.

Encostados ás portas da *Havaneza*, pouco faltava já aos seus dirigentes, para proclamarem, publicamente, o seu desalento e a sua descrença no futuro. E quando êsse era o moral dos dirigentes qual não seria o dos dirigidos, se, acima dêles não reconhecessem um verdadeiro Chefe, que veio, finalmente, solucionar o problema da *dualidade* da Causa

<sup>1</sup> Almeida Garrett — *Viagens na Minha Terra*, Lisboa, 1904, pág. 99.

## ACÇÃO REALISTA

sem recorrer a solísmas, nem plataformas absurdas? Esse Chefe é El-Rei, Chefe da autêntica *Causa Monárquica unificada*, que é a Causa nacional, a Causa de todos os portugueses. Pela Sua palavra, pelo Seu pensamento expresso no notável documento público de 27 de fevereiro de 1926, El Rei veio dar realização a uma unidade doutrinária que se impunha, mas que muitos julgavam impossível, veio imprimir à Causa Monárquica uma nova orientação, transformando as *duas causas* numa só. Com a publicação da Mensagem de 27 de fevereiro, deu El-Rei, um belo exemplo de coragem intelectual e de isenção. O dever dos monárquicos é o de se integrarem no espírito da régia Mensagem, cumprindo as suas instruções e zelando por que o pensamento do Chefe seja respeitado e a sua vontade executada.

Já não existem duas causas, mas só uma, que é a de El-Rei, que é a nossa, que é a de todos os monárquicos. Sómente à volta do pensamento de El Rei é possível a união. E ela ha-de fazer-se, para que a Monarquia triunfe, para bem da Pátria e proveito da Grei.

Maio de 1926.

*Fernando Campos.*

*Um dia, num desses assomos de franqueza tanto dêle, Sampaio, o grande jornalista, disse que, na derrocada universal dos prestígios e das influências, um poder apenas ficara de pé — o Rei! Sampaio disse uma grandíssima verdade.*

*Com efeito, este povo, apático por temperamento, melancólico por índole, pessimista por génio, maltratado pela política, sem crenças nem esperanças em quem quer que seja, abraça-se á tradição monárquica, e o bom-senso instintivo diz-lhe que uma solidariedade de interêsse o liga aos seus reis...*

*Oliveira Martins.*

(*Dispersos*, tomo I, pág. 67)

## O Dia de Aljubarrota

O feito de Aljubarrota deve-se á iniciativa de Nun'Alvares. Sem o Condestavel, a batalha não se teria dado; e o exercito de D. João I de Castela como das outras vezes chegaria, sem esforço dele nem resistencia dos nossos, ao embate com as muralbas fernandinas de Lisboa, que cansada, exgotada, faltando-lhe o exemplo e o impulso do Mestre de Avis, não prolongaria a resistencia a um cêrco em forma.

Prometera Nun'Alvares aos da capital, confiados dele, que não deixaria lá voltar outra vez a cercá-la o exercito estranho que, apesar de tanto heroismo da parte dos sitiados, apenas se retirou quando a peste assoladora ia levando a maior nobreza de Castela, e ameaçava já o Rei com a garra adunca da Morte ingloria.

Que os Castelhanos, se voltassem á cata do aprisco, teriam de parar deante dele, ou passar sobre ele e os seus. E Lisboa descansava na promessa do Condestavel, que sabia muito bem quanto valia.

Soube o Mestre de Avis que o exercito invasor tomava a Beira, flôr da terra de Portugal. Era formidavel o poder do inimigo, tamanho que se receava então da sorte do reino.

Ir-se-ia ao encontro dele, foi logo a proposta de Nun'Alvares no conselho presidido pelo Mestre.

Que não, era uma temeridade; com tão pouco ir suster aquela mole de gente, chegava a ser uma temeridade, que bradaria aos Céos, e só castigo dos Céos mereceria. Assim o pensavam e proclamavam os defensores da terra e do brio de Portugal, para eles pendia o Mestre de Avis, que ninguem capitularia de covarde, e era o Chefe avisado, conscio da sua tremenda responsabilidade de *Defensor do Reino*.

Revoltou-se Nun'Alvares contra a opinião, que sem ele seria unânime, de abandonar o caminho sôbre Lisboa.

Prometera cobrir Lisboa, cumpri-lo ia, ainda que fosse ele só com os seus; ele que nos Atoleiros salvára o Alentejo, a seára portuguesa, a provincia mais fiel de todas na guerra e na defensão dos direitos do Mestre, iria salvar Lisboa com a ajuda de Deus e a fé que de Ele lhe vinha a si confiadamente. E partiu, contra o conselho e contra o Mestre.

Principiou Nun'Alvares, firme no seu proposito, a considerar os meios de garantir a capital. D. João de Castela estava nos campos de Coimbra, que viu, como num conto de cavalaria, da corôa de ameias das suas muralhas lealis-simas, a parada oriental do exercito invasor, numeroso, variegado, que se movia á frente das tendas arruadas, e em massas compactas se disciplinava numa ordenança maravilhosa. Que no entanto nem reduziu nem atemorizou a cidade.

Coimbra, Pombal, Leiria, Santarem e Lisboa, era por certo o itinerario dos Castelhanos, numa linha de marcha infalivel na penetração natural sobre o objectivo que os trazia. Nun'Alvares com o instincto militar que o animava em prodigio, e com a heroici-

dade formidável de, sabendo-se tão fraco, esperar a pé-firme o inimigo, compreendeu a estratagem que deveria de usar, para conseguir o seu fim. Repare-se que estava só, quando ainda mesmo com a gente do Mestre atingiria as raias da desproporção pessoal e material, e que, além disso, sabia já das forças inimigas por um pagem, a quem as mandára espionar e as alcançára na parada soberba de Coimbra.

O Mestre de Avis, porém, não se confeve, e foi reunir-se ao seu Condestavel, o que denota adesão iucondicional ao plano de Nun'Alvares e confiança absoluta ao guerreiro com quem o arbitro da defesa portuguesa ia compartilhar a gloria ou a Morte. Porque ninguém tenha duvidas, na batalha que ia travar-se, ou se salvava definitivamente Portugal, ou todos succumbiriam, e Portugal, então em afirmação nacional, fundir-se-hia na união dos reinos ibericos.

Das bandas de Rio-Maior descia pela calada Nun'Alvares com alguns companheiros, em descoberta. O inimigo acercava-se de Leiria, e era por isso tempo de agir. As aguias alcançavam se nos montes á espreita. Desceu o Condestavel a Aljubarrota; chamou-lhe a atenção um outeiro com comandamento sobre as baixas que correm até Leiria; protegiam-no dois ribeiros que se juntavam num extremo do outeiro, aí avançado em exproão; do lado oposto era aberto, mas proporcionalmente apertado o acesso. Estava escolhida a posição de espera, onde os nossos obrigariam a combater os Castelhanos.

Voltou Nun'Alvares a anunciar ao Mestre a escolha, e o Mestre, ao vêr o local, aprovou o plano do seu Condestavel.

Até aqui está a responsabilidade pessoal de Nun'Alvares. Agora são outras em scena, a valentia e o esforço colossais dos nossos.

14 de Agosto. Já lá estão os nossos no outeiro de Aljubarrota, firmes na justiça da sua Causa, confiados no auxilio da Virgem, que no dia seguinte se festejava, e por cuja vigilia se conservam em jejum natural. Desponta das bandas de Leiria o exercito Castelhana, cerca o punhado de portugueses com cavalaria que não pode subir as ribanceiras marginaes dos ribeiros, fecha-lhe a saída com gente numerosa, e proíbe-se a todos o combate. Os «chamorras» render-se-hiam pela fome.

Mas o inevitavel deu-se, e o combate rompeu, como era infalivel, na entrada do outeiro, aberta no intervalo dos dois riachos. Os «trons», artilharia incipiente, tubos de peça armados como barricadas, ameaçaram, arremessaram projecteis que nos mataram dois pagens, acusados de sacrilegio, e rebentaram ignominiosamente.

Comandava Nun'Alvares a vanguarda, tropa de choque e arremesso, que iniciou o combate, pendão místico do Condestavel, Ala dos Namorados com a sua bandeira verde-esperança; anovelou-se na multidão dos atacantes, que envolveu todos, e a que no perigo acudiu da rectaguarda o Mestre de Avis com a sua peonegem e os archeiros ingleses. Então o embate foi tal que o inimigo estacou primeiro, recuou depois, e os mais receosos bradaram o fatal «salve-se quem poder», que levou a debandada a todo o arraial e arrastou para Santarem numa desfilada de salvação o proprio Rei de Castela, surpreendido no leito de campanha onde sofria de febres.

Nos preparativos desta acção, veio o Mestre, a principio hesitante, dar o apoio de chefe ao seu melhor guerreiro. Na batalha foi o Mestre quem salvou de pronto a situação e abreviou o desfecho. Nun'Alvares, cuja primeira armadura foi a do Mestre de Avis, e

o Rei de *Boa Memoria*, que teve no seu Condestavel o seu braço direito, foram talhados pelos altos designios da Providencia para inteiramente se completarem e servirem.

Estava ganha Aljubarrota. Livre o reino. O Mestre de Avis quedou-se os três dias da ordenança da cavalaria no campo da batalha, e Nun'Alvares perseguiu os fugitivos, entrando Castela dentro, até derrotar os contrarios em Valverde, combate onde se evidenciou toda a mistica heroica do Condestavel de Portugal.

O Mestre de Avis foi o chefe. João das Regras foi o organisador do Portugal-Novo, da Monarquia-Nova, da Monarquia organica. Mas o Condestavel foi a intelligencia da acção, o braço agente da mistica da Nação, o homem predestinado para a salvação. E sem ele, que seriam os outros, e a sua obra?

Nun'Alvares está hoje beatificado, e subiu aos altares da Igreja como tinha subido aos altares da Patria

Portugal, que povoa de estatuas de inúteis as suas cidades, não honrou ainda a sua dívida ao seu salvador; cumpra o seu dever; e nós peçamos ao Heroe e ao Santo o seu alto auxilio neste resgate da Patria que ele a primeira vez resgatou em Aljubarrota.

*Luis Chaves.*

*Se o governo tem sido uma arte de fabricar maiorias (e neste sentido o sistema representativo de toda a Peninsula poderia dar um capitulo eloquente aos amadores dessa ordem de estudos); se o povo portuguez, num estado de espirito messiânico, o que pede é que o governem bem, dando se lhe pouco das navalhadas occasionais perpetuadas na Carta; se as cousas são de facto assim, como querem os republicanos que a gente de bom-senso faça côro nas suas declamações contra o rei, e espere a idade de ouro do govêrno do povo!*

*Oliveira Martins.*

(*Dispersos*, tomo I, pág. 66).

# A divisão territorial portuguesa

(PLANO DE REORGANIZAÇÃO INTEGRAL)

3.<sup>a</sup> PARTE

A organização futura

(Conclusão)

I

Mapa das Províncias do Continente com suas Comarcas e Concelhos

Provincia de Entre-Douro-e-Minho

(Condaço Portucalense)

Séde do Governo da Provincia: — *Porto*

*Comarca de Braga*: — Concelhos de Amares, Barcellos, *Braga*, Espòsende, Povoade-Lanhoso, Povoade-Varzim, Terras-de-Bouro, Vieira, Villa-do-Conde, Villa-Verde.

*Comarca de Guimarães*: — Concelhos de Cabeceiras-de-Basto, Celorico-de-Basto, Fafe, Felgueiras, *Guimarães*, Lousada, Santo-Thyso, Villa-Nova-de-Famalicão.

*Comarca de Penafiel*: — Concelhos de Amarante, Baião, Marco-de-Canavezes, Paços-de-Ferreira, Paredes, *Penafiel*.

*Comarca do Porto*: — Cidade do *Porto* (dois bairros administrativos: bairro-concelho), e concelhos limitrophes de Gondomar, Maia, Mattozinhos, Valongo, Villa-Nova-de-Gaya.

*Comarca de Vianna do-Castello*: — Concelhos de Arcos-de-Valdevez, Caminha, Melgaço, Monção, Paredes de-Coura, Ponte-da-Barca, Ponte-de-Lima, Valença, *Vianna-do-Castello*, Villa-Nova-de-Cerveira.

\* \* \*

Provincia de Trás-os-Montes

Séde do Governo da Provincia : — *Villa-Real*

*Comarca de Bragança* : — Concelhos de *Bragança*, *Macedo-de-Cavalleiros*, *Miranda-do-Douro*, *Mirandella*, *Vimioso*, *Vinhaes*.

*Comarca de Chaves* : — Concelhos de *Boticas*, *Chaves*, *Montalegre*, *Ribeira-de-Pena*, *Valle-Passos*, *Villa-Pouca-de-Aguiar*.

*Comarca de Moncorvo* : — Concelhos de *Alfandega-da-Fé*, *Carrazeda-de-Anciães*, *Freixo-de-Espada-á-Cinta*, *Mogadouro*, *Torre-de-Moncorvo*, *Villa-Flor*.

*Comarca de Villa-Real* : — Concelhos de *Alijó*, *Mesão-Frio*, *Mondim-de-Basto*, *Murça*, *Peso-da-Regoa*, *Sabrosa*, *Santa-Martha-de-Penaguião* *Villa-Real*.

\* \* \*

Beira

(Principado da Beira)

Provincia da Beira-Alta

Séde do Governo da Provincla : — *Viseu*

*Comarca de Lamego* : — Concelhos de *Armamar*, *Arouca*, *Castello-de-Paiva*, *Castro-Daire*, *Lamego*, *Moimenta da Beira*, *Resende*, *Sattan*, *Sinfães*, *Taboço*, *Tarouca*, *Villa-Nova-de-Paiva*.

*Comarca de Viseu* : — Concelhos de *Carregal*, *Mangoalde*, *Mortagua*, *Nellas*, *Oliveira-de-Frades*, *Oliveira-do-Hospital*, *Penalva-do-Castello*, *Santa-Comba-Dão*, *São-Pedro-do-Sul*, *Táboa*, *Tondella*, *Viseu*, *Vouzella*.

\* \* \*

Provincia da Beira-Baixa

Séde do Governo da Provincia : — *Castello-Branco*

*Comarca de Castello Branco* : — Concelhos de Abrantes, *Castello-Branco*, Constancia, Idanha-a-Nova, Mação, Oleiros, Proença-a-Nova, Sardoal, Sertã, Villa-de-Rei, Villa-Velha-de-Rodam.

*Comarca da Covilhã* : — Concelhos de Belmonte, *Covilhã*, Fundão, Manteigas Pampilhosa, Penamacor.

*Comarca da Guarda* : — Concelhos de Aguiar-da-Beira, Celorico-da-Beira, Fornos-de-Algodres, Gouveia, *Guarda*, Sabugal, Seia, Trancoso.

*Comarca de Pinhel* : — Concelhos de Almeida, Figueira-de-Castello-Rodrigo, Meda, São-João-da-Pesqueira, Penedono, *Pinhel*, Sernancelhe, Villa-Nova-de-Fozcôa.

\* \* \*

Provincia da Beira-Maritima ou Beira-Mar

Séde do Governo da Provincia : — *Coimbra*

*Comarca de Aveiro* : — Concelhos de Agueda, Albergaria-a-Velha, *Aveiro*, Espinho, Estarreja, Feira, Ilhavo, Macieira-de-Cambra, Oliveira-de-Azemeis, Ovar, Sever-de-Vouga.

*Comarca de Coimbra* : — Concelhos de Arganil, *Coimbra*, Condeixa a-Nova, Goes, Mealhada, Miranda-do-Corvo, Pampilhosa, Penacova, Penella, Villa-Nova-de-Poiares.

*Comarca da Figueira-da-Foz* : — Concelhos de Anadia, Cantanhede, *Figueira-da-Foz*, Mira, Montemor o-Velho, Oliveira-do-Bairro, Soure, Vagos.

\* \* \*

Provincia da Extremadura

Séde do Goveno da Provincia : — *Lisboa*

*Comarca de Leiria* : — Concelhos de Alcobaça, Batalha, Bombarral, Caldas-da-Rainha, Catanheira de Pera, *Leiria*, Obidos, Pederneira, Peniche, Pombal, Porto-de-Moz.

*Comarca de Lisboa* : — Cidade de *Lisboa* (quatro bairros admistrativos; bairro-concelho), e concelhos limitrophes de Cascais, Loures, Oeiras, Sintra.

*Comarca de Santarem* : — Concelhos de Almeirim, Alpiarça, Azambuja, Benavente, Cartaxo, Chamusca, Coruche, Gollegã, Rio-Maior, Salvaterra de-Magos, *Santarem*, Villa-Franca-de-Xira.

*Comarca de Setubal* : — Concelhos de Alcacer-do-Sal, Alcochete, Aldegallega-do-Ribatejo, Almada, Barreiro, Cezimbra, Moita, Seixal, *Setubal*.

*Comarca de Thomar* : -- Concelhos de Alcanena, Ancião. Alvaiazere, Ferreira do-Zezere, Figueiró dos-Vinhos, Pedrogão-Grande, *Thomar*, Torres-Novas, Villa-Nova-da-Barquinha, Villa-Nova-de-Orem.

*Comarca de Torres-Vedras* : — Concelhos de Alemquer, Arruda-dos-Vinhos, Cadaval, Lourinhã, Mafra, Sobral-de-Montagraço, *Torres-Vedras*.

\* \* \*

Alentejo

Provincia do Alto-Alentejo

Séde do Governo da Provincia : — *Evora*

*Comarca de Evora* : — Concelhos de Alandroal, Alvito, Arrayollos, *Evora*, Mora, Montemor-o-Novo, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos-de-Monsaraz, Vianna-do-Alentejo.

## ACÇÃO REALISTA

*Comarca de Extremoz*: — Concelhos de Avís, Borba, Elvas, *Extremoz*, Fronteira, Monforte, Sousel, Villa-Viçosa.

*Comarca de Portalegre*: — Concelhos de Alter-do-Chão, Arronches, Campo-Maior, Castello-de-Vide, Crato, Gavião, Marvão, Niza, Ponte-de-Sor, *Portalegre*.

\* \* \*

### Provincia do Baixo-Alentejo

Sêde do Governo da Provincia: — *Beja*

*Comarca de Beja*: — Concelhos de Almodovar, Barrancos, *Beja*, Cuba, Ferreira-do-Alentejo, Mertola, Moura, Serpa, Vidigueira.

*Comarca de Santiago-do-Cacem*: — Concelhos de Aljustrel, Castro-Verde, Grandola, Odmira, Ourique, *Santiago-do-Cacem*, Sines, Villa-Nova-de-Milfontes.

\* \* \*

### Provincia do Algarve

(Reino do Algarve)

Sêde do Governo da Provincia: — *Faro*

*Comarca de Faro*: — Concelhos de Alcoutim, Castro-Marim, *Faro*, Loulé, Olhão, S. Brás-de-Alportel, Tavira, Villa-Real-de-Santo-Antonio.

*Comarca de Lagos*: — Concelhos de Albufeira, Aljezur, Lagoa, *Lagos*, Monchique, Silves, Villa-do-Bispo, Villa-Nova de Portimão.

## II

## ILHAS ADJACENTES

## Mapa das Províncias Insulares com suas Comarcas e Concelhos

\* \* \*

## Província dos Açores

Sêde do Governo da Província: — *Ponta-Delgada**Comarca de Angra-do-Heroísmo*: — *Ilha Terceira*, *Ilha Graciosa*, *Ilha de S. Jorge*;a) *Sub-Comarca* da *Graciosa*: — Concelho de *Santa Cruz*.b) *Sub-Comarca* de *S. Jorge*: — Concelho de *Villa-das-Vellas*.— Na *Ilha Terceira*: — Concelhos de *Angra-do-Heroísmo*, *Praia-da-Vitoria*.*Comarca da Horta*: — *Ilha do Corvo*, *Ilha do Fayal*, *Ilha das Flores*, *Ilha do Pico*,c) *Sub Comarca* do *Corvo*: — Concelho do *Corvo*.d) *Sub Comarca* das *Flores*: — Concelho de *Santa-Cruz das Flores*.e) *Sub Comarca* do *Pico*: — Concelhos de *Calheta*, *Lagens-do-Pico*, *Magdalena*, *S. Roque-do-Pico*.— Na *Ilha do Fayal*: — Concelho da *Horta*.*Comarca de Ponta-Delgada*: — *Ilha de Santa-Maria*, *Ilha de S. Miguel*.a) *Sub-Comarca* de *Santa-Maria*: — Concelho de *Villa-do-Porto*.Na *Ilha de S. Miguel*: — Concelhos de *Lagôa*, *Nordeste*, *Ponta-Delgada*, *Ribeira-Grande*, *Villa-Franca-do-Campo*.

x \* \*

Provincia da Madeira

Séde do Governo da Provincia:— *Funchal*

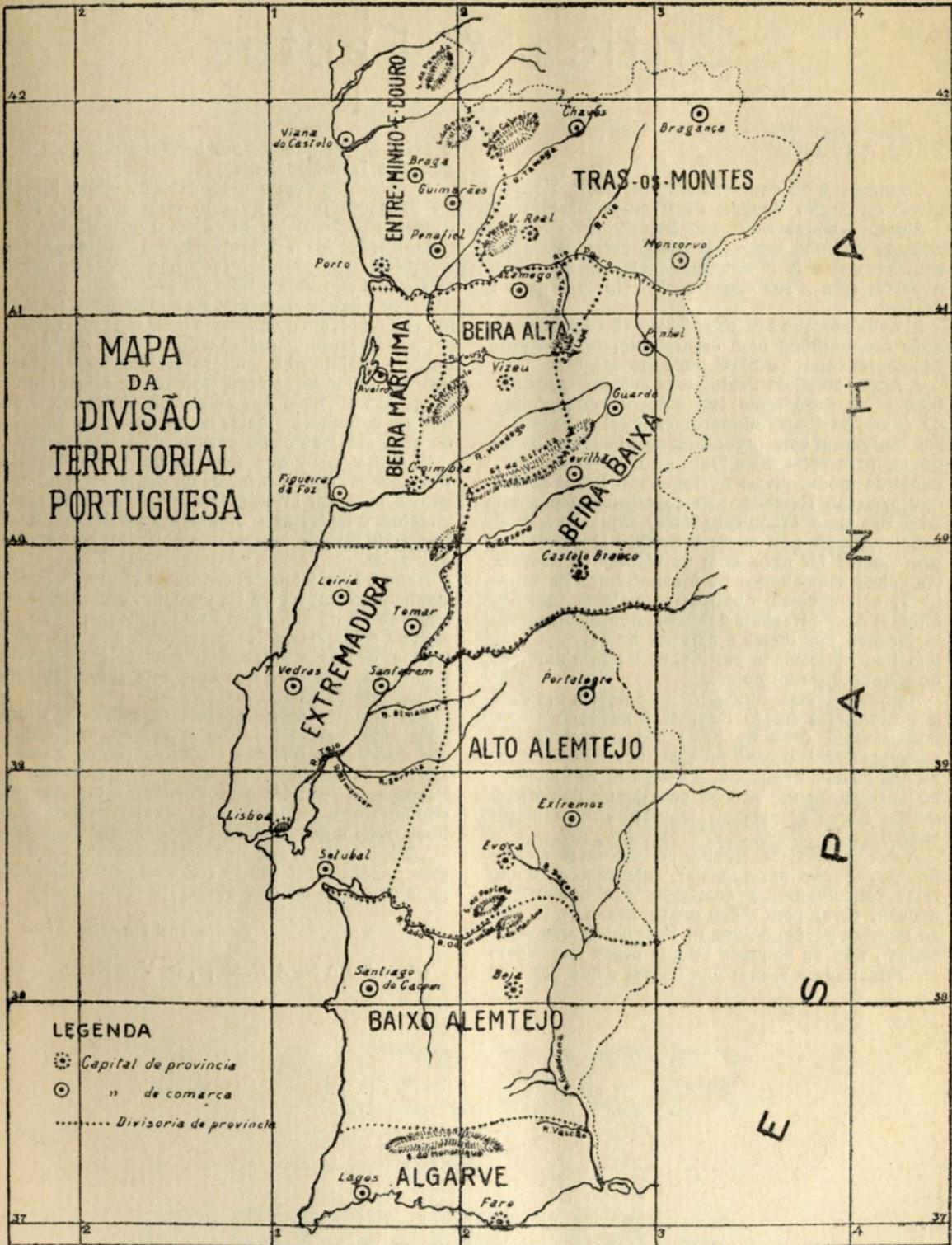
*Comarca do Funchal*: — Ilha da *Madeira*, e Ilha do Porto-Santo.

a) *Sub-Comarca* de Porto-Santo: — Concelho do Porto-Santo.

Na Ilha da Madeira: — Concelhos da Calheta, Camara-de-Lobos, *Funchal*, Machico, Ponta-do Sol, Porto-Moniz, Ribeira-Brava, Santanna, Santa-Cruz, S. Vicente.

*Luis Chaves.*

O próximo número desta revista será consagrado à memória do ilustre jurista e saudoso presidente da Junta Central do Integralismo Lusitano, dr. Adriano Xavier Cordeiro.



## Crítica &amp; Factos

## PARA A FRENTE

Conforme é do conhecimento de todos, o órgão diário da Acção Realista Portuguesa suspendeu.

Algumas almas *caridasas*, dessas que, com facilidade de tudo tiram deducções, entreteem-se a espalhar que a A. R. suspendeu a sua propaganda e parou com a sua organização. Numa palavra: acabou.

E' evidente que a coisas d'estas não vale a pena opôr desmentidos nem contraditas, tanta estupidez representam, e tanta maldade contêem.

A Acção Realista Portuguesa creou-se para defender os programas integralistas, enquadrada na chamada Causa monárquica. Factos posteriores obrigaram esta organização a afastar-se da tal Causa, para estar mais junto de El-Rei e dos verdadeiros monárquicos portugueses. Todos sabem que a Acção Realista não constitui um partido, mas sim uma organização monárquica-tradicionalista, tendo por chefe o Senhor D. Manuel, e sem querer ter nada com os elementos liberais, cúmplices conscientes ou inconscientes da república, e que dizem obedecer áquele mesmo Senhor. A Acção Realista é independente porque está dirigida por ideias e não por homens, porque tem fins honestos e patrióticos e não a ambição do mando e da vil política.

Agora, ha dias ainda, deu-se porém um caso que obrigou a Acção Realista a suspender *temporariamente* (note-se bem) o seu órgão diário na imprensa. E o caso foi esse, já em nota enviada aos jornais explicado, o de ter El-Rei mostrado desejos de um acôrdo geral entre os monárquicos e que se procura, devido a isso, realizar.

A Acção Realista, embora só com um programa de que se não pode afastar, entendeu, para não criar dificuldades á comissão que negocia o acôrdo, parar com o seu órgão. Ela, a A. R. não se esquece porém de que El-Rei enviou uma mensagem, não se esquece de que nessa mensagem se condenava a monarquia liberal e que por isso

o acôrdo tem que ter por base a Monarquia Orgânica e Tradicionalista.

E' certo que com a suspensão do nosso jornal, do brilhante diário dirigido pelo snr. Dr. João Ameal, alguma coisa se atraza a propaganda e a organização. Mas, por isso mesmo devemos todos redobrar os nossos esforços e procurar de todas as formas suprimir a falta do jornal.

Podem julgar que, por existirem mais jornais monárquicos, ou pelo menos mais um diário talassa, pouco perderemos. Mas, o *Correio da Manhã* embora modificado, embora melhorado e desenvolvido, enferma sempre do vicio de origem, preocupando-se mais em atacar os adversarios do que em defender as ideias monárquicas, coisa essa de que, estamos disso certos, ele pouco percebe.

E é por isso, que nós, os da Acção Realista Portuguesa, temos o dever de continuar a propaganda, procurar interessar a Nação no nosso movimento e preparar a organização definitiva para que a Monarquia de amanhã encontre o caminho aplanado.

Nada de desfalecimentos nesta altura. A Acção Realista estava e está na verdade, e em todos os acordos só os outros terão de transigir, terão de alguma coisa ceder. Ninguém mais que nós desejava e deseja a união, mas a união em volta do programa, que para nós hoje está sintetizado na mensagem de El-Rei.

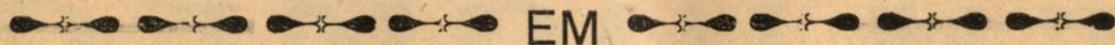
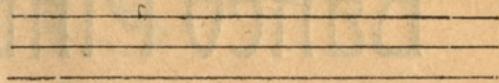
Por isso não temos que estar á espera de situações definitivas. Os outros os velhos, os paráliticos que esperem, e nós continuaremos a caminhar na mesma direcção que é a da salvação da Pátria, pela restituição de Portugal a um governo equilibrado e moderno, sem arcaísmos democráticos, nem soberanias que não sejam as legítimas.

«Quem quizer que nos siga», devemos gritar; mas andando sempre, e possivelmente andando mais depressa do que até agora temos vindo.

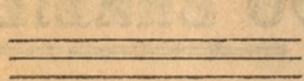
Augusto Pires de Lima.

(Do n.º 210 de *A Realiza*, de Vila Real).

PEÇAM



EM



TODA A PARTE



ESTRELLA

A MELHOR

DAS

CERVEJAS

# Banco Pinto & Sotto Mayor

LISBOA

Rua do Ouro, 18, 24

PORTO

Praça da Liberdade, 28, 29

Representantes em Portugal do

**BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL**

Operações financeiras

Fundos publicos nacionais e estrangeiros

**Marques, Pereira & C.<sup>a</sup>**

BANQUEIROS

Depositos á ordem e a prazo

Todas as operações bancarias

Rua do Ouro, 61

Rua da Conceição, 116-118

TELE (grama: PERNANBUCO  
(fone C. 1493

COMPANHIA DE SEGUROS

**“Tranquilidade Portuense,”**

Agentes em Lisboa

L. D'OLIVEIRA, L.<sup>DA</sup>

Rua dos Fanqueiros, 235

LISBOA



# SOCIEDADE FOMENTO COMERCIAL, LTD.<sup>A</sup>

Rua da Betesga, 57, 1.º

REPRESENTANTES:

«American La France Fire Engine C.º Ltd» — Material de incendios, especialmente empregando o extintor quimico

«Hercules Manufacturing C.º» — Arranca troncos para limpeza de terrenos onde se fez derruba

«Chicago Transmission C.º» — Caixa de velocidades auxiliar para Ford

«Sumbeau Chemical C.º» — Fabricantes das famosas tintas «RIT» para tingir em qualquer côr qualquer tecido

TODOS OS ACESSORIOS PARA AUTOMOVEIS

## ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Unico estabelecimento no genero em Portugal e o mais importante da Peninsula, destinada exclusivamente ao tratamento de senhoras e creanças

Use diariamente os productos

### RAINHA DA HUNGRIA

para os cuidados da pele e os YILDIZIENNE  
— — — os melhores para os cabelos — — —

Peçam em toda a parte os nossos productos

Os melhores para os cuidados da beleza e higiene das senhoras

Peçam hoje mesmo listas de preços para a

### Academia Scientifica de Beleza

RIO DE JANEIRO

Rua 7 de Setembro, 166

Tele (gramas BELLEZAK  
(fone 1761

LISBOA

Avenida da Liberdade, 35

Tele (gramas BELLEZAK  
(fone 3641 N.

No Porto - BAZAR SOARES - Rua 31 de Janeiro, 234

# AO PÚBLICO

Recomendamos os finissimos licores, xaropes, conhaques, genebras, o finissimo aniz cristalizado e o Ponche integral Dom Nuno fabricados com esmero por

**ALFREDO DE OLIVEIRA — Vila da Feira**

TODOS OS PEDIDOS DEVEM SER DIRIGIDOS AO FABRICANTE OU AOS SEUS REPRESENTANTES:

**NO PORTO:**

**Manuel Joaquim Rosas**

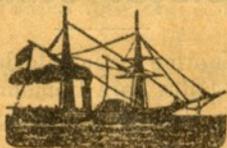
**Rua da Alegria — PORTO**

**EM LISBOA:**

**Araujo & Ferreiras, Ltd.**

**Rua do Comercio — 28 - 3.º**

**LISBOA (Portugal)**



## COMPANHIA DA MALA REAL DO PACIFICO

The Pacific Steam Navigation Company

**CARREIRAS QUINZENAIS**

de GRANDES PAQUETES RAPIDOS

DE LEIXÕES E LISBOA PARA Brasil, Argentina e Portos do Pacifico

**PORTOS DE ESCALA**

**Las Palmas, S. Vicente, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro,  
Santos, Rio da Prata, Portos do Pacifico**

**AGENCIAS** | EM LISBOA — E. Pinto Basto & C.<sup>a</sup>, L.<sup>a</sup> — 64 — Caes do Sodré  
| NO PORTO — Kendall, Pinto Basto & C.<sup>a</sup>, Lid.<sup>a</sup> — 73 — R. Infante D. Henrique

# A "Nação Portuguesa," em New Bedford

**A. J. Taveira**

**Médico-cirurgião**

Consultório-1556-Acushnet  
Ave.-New Bedford, Mass.

U. S. A.

Horas de consulta: das 2  
às 4 da tarde e das 7 às  
8 da noite.

Ros domingos das 2  
às 3 da tarde

**António Raposo**

108 — Grinnel Street  
New Bedford, Mass.  
U. S. A.

\*\*\*

**Leciona violino, e rudi-  
mentos de quaisquer  
instrumentos de ban-  
da ou de tuna, usan-  
do o método mais  
prático.**



**Vicente José da Graça**

**Advogado**

308, Bookstore Building

New Bedford, Mass.  
U. S. A.



Recomendam-se estas casas à colónia portuguesa

TEL. 245 — 4

Dia e noite—Dia e noite

**SERVIÇO  
DE**

Automóveis de aluguer  
para casamentos, bapti-  
sados, funerais, etc.

**Giovanni Danella**

12 Beetti St.  
New Bedford, Mass.  
U. S. A.

**Dr. J. M. Lima**

**DENTISTA**

*Especialidade em ex-  
tracção de dentes, co-  
rôas, etc.*

Horas de consulta: das 9 da  
manhã às 8 da noite.

**Telefone 5533**

Consultório:

1656 — Acushnet Av.  
U. S. A.  
New Bedford, Mass.

**Estação Central**

Enorme sortimento de rou-  
pas feitas para Homem, Mu-  
lher, Rapazes e raparigas.

Roupas garantidas a preços  
sem competência!

**AQUI! AQUI!! AQUI!!!**

virão todos fazer  
as suas compras

**JAIME SIMMONS**

1057, — Acushnet Av.  
New Bedford, Mass.  
U. S. A.

Agente geral nos Estados Unidos:

**António Augusto Lopes**

161 — Coffin Av. — New Bedford, Mass.



# LINHA HALL



Carreiras regulares de vapores

De Londres para Lisboa — De Lisboa para Londres  
e Havre — De Lisboa  
para Gibraltar, Málaga e Cadiz

LISBOA

E. Pinto Basto & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>  
64, Caes do Sodré, 64

PORTO

Kendall, Pinto Basto & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>  
73, R. do Infante D. Henrique, 73

## LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA

— DE —

Eduardo Tavares Martins, Suc.  
LIMITADA

12—RUA DOS CLERIGOS—14

PORTO (Portugal)

(CASA FUNDADA EM 1897)

Livros sobre direito, medicina, pedagogia, literatura, arte e religião.

Livros para os liceus. Instituto Industrial. Escolas normais. Colegios. Escolas officiais e particulares.

Assinaturas para todos os jornais, revistas e publicações periódicas portuguesas e estrangeiras.

Jornais de Modas.

**Correspondencia diária**  
para o estrangeiro

CORRESPONDENTES da «Nouvelle  
Librairie Nationale de Paris».

## NOVIDADE LITERARIA

Aparecerá brevemente:

**Roteiro das Saudades**

— POR —

**Carlos Lobo de Oliveira**

VERSOS DO AMOR E DO EXILIO

**Roteiro das saudades — Espanha do cantar e do bailar — Poema da minha infância — Carta de longe — No alpendre do coração — Filigranas do meu sonho — Canção das rendas de Viana — Flores da terra**

A venda nas principais livrarias do Brasil

Pedidos á

**EMPRESA EDITORA CAMÕES**

Praça da Republica, 73

**RIO DE JANEIRO**

Comprem todos os meses

## O MUNDO LITERARIO

Mañifica e vitoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores: *Pereira da Silva e Téo-filho*  
Secretário: *Agrippino Grieco*

Colaboração dos maiores escritores brasileiros. Só publica inéditos. Traz a resenha do movimento literario nos paizes europeus e nos estados da União.

Cada exemplar de 120 páginas: 2\$000 e 2\$500 no interior

Editora—A Grande Livraria  
**Leite Ribeiro**  
RIO DE JANEIRO

## Carlos de Oliveira

Agente de livraria  
e publicidade  
no RIO DE JANEIRO

RECEBE LIVROS, REVISTAS  
E JORNAIS Á CONSIGNAÇÃO, EN-  
CARREGANDO-SE DA SUA PRO-  
PAGANDA E CONVENIENTE DISTRI-  
BUIÇÃO  
PELOS MERCADOS DO BRASIL

Accepta a representação  
de artigos portugueses

Dirigir toda a correspondencia para :

CAIXA POSTAL 1.565

BRASIL RIO DE JANEIRO

## ASSINEM A

### America Brasileira

Resenha da actividade brasileira

DIRECTOR — *Elysio de Carvalho*

SECRETARIO — *Luiz Annibal Falcão*

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS GERAIS

A revista da elite intelectual

a que melhor defende

Portugal no Brasil

Assinatura anual, 10\$00 réis brasileiros.  
Pode-se assinar e anunciar por intermédio da *Nação Portuguesa*.

A *America Brasileira* remete gratuitamente um número especimen a quem lhe pedir.

## A ORDEM

ORGÃO DO CENTRO D. VITAL

DIRECTOR

**Jackson de Figueiredo**

Grande revista católica

DO

RIO DE JANEIRO

Redacção e Administração:

R. Rodrigo Silva, 7

RIO DE JANEIRO

# RAPIDO!!

Só com o emprego do **PIPERINOL** se consegue dar varias côres com esplendido brilho em: moveis, soalhos, oleados, couros, cimento, etc., sem o emprego de outros ingredientes.

Não tem cheiro, não é inflamável, nem vai ao lume

CADA LITRO COBRE UMA SUPERFICIE DE 12 METROS QUADRADOS

**PORTO** — Rua Formosa, 99-1.º

**Depósito geral:** FABRICA DE MOVEIS INGLESES E AMERICANOS — Lisboa — R. do Sacramento à Lapa, 33. **Tel. C. 1884**

Antonio José Serodio

Construtor civil

Encarrega-se de todos os trabalhos da construção, fornecimento de materiais, etc., etc.

RUA ANTONIO PEDRO, 50

— LISBOA —

FUNDIÇÃO TIPOGRAFICA

≡ A FUNTIPO ≡

Proprietário e director tecnico

**P. GINI**

☐ ☐ ☐

Escritório e depósito:

RUA NOVA DA PIEDADE, 62

Fábrica e oficinas:

RUA NOVA DA PIEDADE, 60-A

LISBOA

TELEFONE: N.º 236

# BIBLIOTECA INTEGRALISTA

Livros à venda na administração da NAÇÃO PORTUGUESA

## Fernão de Vide

O Pensamento Integralista . . . . . 3\$00

## José Pequeto Rebelo

Novos Metodos de Cultura . . . . . 6\$00  
 Cartilha do Lavrador . . . . . 1\$00  
 Pela deducção à Monarquia . . . . . 2\$50

## António Sardinha

Valor da Raça . . . . . 5\$00  
 Tronco Reverdecido . . . . . 2\$00  
 Quando as nascentes despertam . . . . . 6\$00  
 Epopeia da Planície . . . . . 4\$50  
 Na Côte da Saudade . . . . . 3\$50  
 Chuva da tarde . . . . . 3\$50

## Mipólito Raposo

O sentido do Humanismo . . . . . 2\$00  
 Coimbra Doutora . . . . . 3\$00  
 Boa Gente . . . . . 3\$50  
 Livro de Horas . . . . . 4\$50  
 Ana Maria . . . . . 1\$50  
 Outro Mundo . . . . . 4\$50  
 Seara Nova . . . . . 7\$00  
 Caras e Corações . . . . . 3\$50

## Luís de Almeida Braga

Culto da Tradição . . . . . 2\$00  
 Mar Tenebroso . . . . . 4\$50  
 Pão Alheio . . . . . 4\$50

## Armando da Silva

A Crise das Democracias . . . . . 1\$50

## Alberto Monsaraz

Sol Creador . . . . . 3\$00  
 Da Saudade e do Amor . . . . . 4\$00

## Gama e Castro

O Novo Principe ou o espirito dos governos monárquicos . . . . . 10\$00

A Questão Iberica . . . . . 5\$00  
 Cartilha Monárquica . . . . . \$50  
 1.ª serie da Nação Portuguesa, numeros 1, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11 e 12 quasi esgotado, cada número . . . . . 5\$00  
 A Questão Dinástica . . . . . 6\$00  
 Cartilha do Operario . . . . . \$50  
 Os planos da Autocracia Judaica, protocolos dos sabios de Sião . . . . . 6\$00

PARA A PROVÍNCIA ACRESCE O PORTE DO CORREIO

EDIÇÕES DA ACÇÃO REALISTA :

*Alfredo Pimenta :*

A Republica Portuguesa em face da Igreja  
Católica e a politica do Centro Católico

A Politica do Centro Católico e a minha  
resposta ao snr. Bispo de Bragança

*H. de Patva Couceiro :*

Carta aberta aos meus  
amigos e companheiros

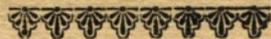
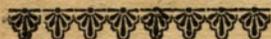
(1.º Volume da Biblioteca de Estudos Nacionalistas)

A' venda em todas as boas livrarias e na nossa administração



# PASTELARIA VENEZA

Serviço esmerado em lunchs para batizados,  
casamentos e outras festas



ESPECIALIDADES EM DOCES  
DE TODAS AS QUALIDADES

COMPLETO SORTIMENTO EM LICORES E VINHOS FINOS

Serviço permanente de chá, café e chocolate

---

Avenida da Liberdade, 63-LISBOA

Telefone N. 4162

# VULCAN, L.<sup>DA</sup>

Oficina de reconstituição  
e recauchutagem dos pneumaticos

NOVO PROCESSO INDUSTRIAL  
— E MAQUINAS REGISTRADAS —

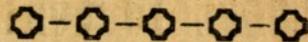
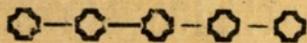
A nossa oficina de reconstituição, montada com maquinas da casa franceza **FIT**, iniciadora do processo de recauchutagem da qual temos o exclusivo, emprega igualmente borracha e tecidos **cablés** da mesma marca. A casa **FIT** fabrica diariamente, para fornecimento das suas numerosas sucursaes, espalhadas pelo mundo inteiro, cerca de 9.000 kilos de materia prima.

Devido á **superioridade** da materia prima e ao seu machinismo aperfeiçoado, garantimos um percurso de **10:000 kilometros** aos pneumaticos recauchutados por nós e por um preço de menos da metade de um novo.

Possuimos certificados do Exercicio francez e das principais companhias de transportes da França e d'outros paizes, atestando percursos de **15:000 a 18:000 kilometros** aos pneumaticos recauchutados com materiaes e pelo processo **FIT**. O corredor inglez **ELDRIJE** em Monthléry, bateu o record do kilometro lançado (**206 kilometros á hora**) guiando um carro com pneus recauchutados pelo processo **FIT**.



Desconfiai dos maus systemas de moldagem  
e da qualidade dos cautchus empregados n'este deli-  
cadissimo trabalho



A nossa oficina é dirigida por engenheiros e tecnicos  
estrangeiros especializados n'este assumpto

**AVENIDA VISCONDE VALMOR, 63**

TELEF. N. 2252